**Marina Cabreli Pereira**

# TRADUÇÕES DE *WUTHERING HEIGHTS*: UMA ABORDAGEM CONTRASTIVA DAS EDIÇÕES CONVENCIONAL E BILÍNGUE

JUIZ DE FORA

2014

**Marina Cabreli Pereira**

# TRADUÇÕES DE *WUTHERING HEIGHTS*: UMA ABORDAGEM CONTRASTIVA DAS EDIÇÕES CONVENCIONAL E BILÍNGUE

Monografia submetida ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês, realizada sob a supervisão da Profª. Drª. Sandra Aparecida Faria de Almeida.

JUIZ DE FORA

2014

**Marina Cabreli Pereira**

# TRADUÇÕES DE *WUTHERING HEIGHTS*: UMA ABORDAGEM CONTRASTIVA DAS EDIÇÕES CONVENCIONAL E BILÍNGUE

Monografia submetida ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês, realizada sob a supervisão da Profª. Drª. Sandra Aparecida Faria de Almeida.

_____

Profª. Drª. Sandra Aparecida Faria de Almeida (DLEM - Orientadora)

_____

Profª. Drª. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (DLEM)

_____

Profª. Drª. Bárbara Inês Ribeiro Simões Daibert (DLEM)

Data da defesa:_____

Nota: _____

Juiz de Fora
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Juiz De Fora
Julho de 2014

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter guiados meus passos até os caminhos mais acertados. À minha orientadora, Sandra Almeida. Tenho certeza que sem o seu incentivo, apoio, orientação e principalmente, amizade, não teria conseguido alcançar mais esse objetivo. Ao meu pai, Hélio, por sempre ter acreditado no meu potencial e sempre ter exigido o melhor de mim em tudo. A minha mãe, Cida, sem suas palavras de incentivo e suporte nos momentos difíceis, tenho certeza que não teria conquistado tudo que já conquistei. A minha irmã, Elisa, pelas conversas para relaxar um pouco o ambiente. Ao Lucas, pela paciência e compreensão devido às minhas ausências, pelo incentivo e auxílio durante o desenvolvimento deste trabalho. À querida amiga Thaís, com seu apoio e amizade consegui alcançar mais um objetivo. Força! E a todos meus outros amigos com quem sempre pude contar.

“Portanto, a tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

SCHOPENHAUER

**RESUMO**

O presente trabalho apresenta uma análise a partir de duas traduções feitas da obra de Emile Brontë, *Wuthering Heights*, uma de edição convencional e outra de edição bilíngue. Essa pesquisa tem como objetivo contribuir tanto para a pesquisa sobre a aplicabilidade dos procedimentos de tradução categorizados por BARBOSA (1990), quanto para a viabilidade de análises com base na proposta de uma sistemática de deformação da letra, tal como defendida por BERMAN (1985). A análise é realizada a partir da quantificação dos procedimentos aplicados à segmentação do texto em capítulos de ambas as traduções, que são também analisadas do ponto de vista qualitativo. A partir desse resultado preliminar, busca-se aplicar os procedimentos mais frequentes às tendências deformadoras da letra esboçadas por Berman, realizando-se uma análise de natureza qualitativa e contrastando-se as duas traduções. Conclui-se que ambas as edições deformam a letra do original, embora em diferentes graus, e que alguns procedimentos tem uma estreita relação com o processo deformador da tradução. Tal estudo se revela um importante passo no sentido de, em análises futuras, buscar definir parâmetros de correlação entre as duas abordagens, que a nosso ver, exibem importantes pontos de contato.

**PALAVRAS-CHAVE:** Edição convencional. Edição bilíngue. Procedimentos técnicos da tradução. Deformação da letra. *Wuthering Heights*.

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

**Quadro 1 – Siglas utilizadas para aos procedimentos técnicos de tradução.....39**

**Tabela 1 – Procedimentos técnicos da tradução na edição convencional.....40**

**Tabela 2 – Procedimentos técnicos da tradução na edição bilíngue.....42**

## LISTA DE ANEXOS

**Anexo 1 - Primeiro capítulo da obra Wuthering Heights – Original.....64**

**Anexo 2 - Primeiro capítulo da obra Wuthering Heights – edição convencional.....69**

**Anexo 3 - Primeiro capítulo da obra Wuthering Heights – edição bilíngue.....75**

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO.....09**

**CAPÍTULO 1**

**PANORAMA DA TRADUÇÃO LITERÁRIA NO BRASIL.....11**

1.1. Primórdios da Tradução no Brasil.....11

1.2. Tradução de Prosa.....14

1.3. Tradução de Poesia.....16

**CAPÍTULO 2**

**AS TEORIAS DE TRADUÇÃO APLICADAS À TRADUÇÃO LITERÁRIA.....20**

2.1. A Teoria dos Polissistemas.....21

2.2. Manipulação, patronagem e reescritura.....22

2.3. Domesticação e estrangeirização.....24

2.4. Albergamento e deformação da letra.....25

**CAPÍTULO 3**

**AS PROPOSTAS DE HELOÍSA GONÇALVES BARBOSA E ANTOINE BERMAN APLICADOS À TRADUÇÃO LITERÁRIA.....31**

3.1. Os procedimentos técnicos da tradução.....33

3.2. Procedimentos técnicos da tradução na edição convencional.....38

3.3. Procedimentos técnicos da tradução na edição bilíngue.....41

3.4. Comparação entre os procedimentos adotados nas edições convencional e bilíngue.....43

3.5. Os procedimentos técnicos da tradução recategorizados por Barbosa à luz das tendências deformadoras de Berman.....52

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....59**

**REFERÊNCIAS.....61**

**ANEXOS.....64**

# INTRODUÇÃO

Um levantamento prévio sobre a relação entre traduções de obras literárias de edições convencionais e de edições bilíngues mostrou que não há estudos de tradução que contemplem essa temática. Como o mercado de traduções tem crescido significativamente no Brasil e a publicação de obras literárias bilíngues tem se mostrado um novo nicho, torna-se importante buscar subsídios para que pesquisas sejam implementadas nessa área.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise contrastiva de duas edições diferentes de traduções da obra *Wuthering Heights*, de Emile Brontë, publicada pela primeira vez em 1847 e cuja edição selecionada data de 2007. A primeira tradução, de edição convencional, foi realizada por Rachel de Queiroz e publicada pela editora Record em 1996.A segunda tradução é proveniente de uma edição bilíngue, publicada pela editora Landmark em 2007, cuja tradução ficou a cargo da tradutora Carolina Caires Coelho.

O estudo tem como aporte teórico a obra de BARBOSA (2004[1990]) sobre os procedimentos técnicos da tradução, cuja proposta será aplicada a presente análise, bem como o estudo de BERMAN (2013[1985]) sobre a sistemática de deformação da letra na prosa literária, cujas tendências deformadoras esboçadas por ele serão mapeadas através dos dados.

No primeiro capítulo, apresentaremos um panorama da tradução literária no Brasil, desde o período colonial, até os dias de hoje, procurando destacar os momentos mais representativos da tradução, dando especial destaque para a tradução de poesia e de prosa, esta última o foco de nossa pesquisa.

No segundo capítulo, faremos uma breve síntese de algumas teorias da tradução aplicadas à tradução literária, sendo elas: a teoria dos polissistemas, tal como proposta por Itamar Even-Zohar (1990); a manipulação, patronagem e reescrituras, conceitos esses trabalhados por Andre Lefevere (2007 [1992]); a domesticação e a estrangeirização, noções revisitadas por Lawrence Venuti (1995); e por fim, os conceitos de albergamento e deformação da letra, trabalhados por Antoine Berman (1985), buscando estabelecer uma relação entre as mesmas que nos permita compreender a concepção que norteia o presente trabalho, que é a deformação da letra na prosa literária.

No terceiro e último capítulo, apresentaremos os procedimentos técnicos da tradução, proposta essa de Heloísa Gonçalves Barbosa, que será aplicada aos dados do estudo, através de um viés tanto quantitativo quanto qualitativo. Em seguida, as tendências deformadoras de Berman serão também analisadas sob uma perspectiva qualitativa, buscando-se estabelecer pontos de contato entre as abordagens.

Logo em seguida, as análises dos dados coletados à luz tanto da proposta de Barbosa quanto das tendências deformadoras de Berman, serão analisadas e algumas considerações serão feitas com relação à contribuição de ambas as propostas para o presente estudo.

# CAPÍTULO 1

# PANORAMA DA TRADUÇÃO LITERÁRIA NO BRASIL

Neste capítulo apresentaremos um breve panorama da evolução da tradução no Brasil, enfatizando a seguir a tradução literária, a partir das primeiras publicações do período colonial, passando então pelos principais movimentos literários e culminando nos momentos mais expressivos da tarefa tradutória, que são as décadas de 30 e 40 e, posteriormente, de 60 e 70, com o trabalho pioneiro de tradutores como Monteiro Lobato, Érico Veríssimo e Rachel de Queiroz, tradutora e autora objeto de nosso presente estudo.

Tal exposição será dividida em primórdios da tradução no Brasil, tradução de poesia e tradução de prosa, visto que ambas as modalidades apresentaram evoluções distintas ao longo da história da tradução no nosso país.

## 1.1. Primórdios da tradução no Brasil

O Brasil é o maior país da América Latina, apresentando uma mistura de descendentes de índios, africanos, asiáticos e europeus. Porém, compartilhamos a mesma língua, o português. Fazemos parte da comunidade lusófona que, além de Portugal, engloba outros países como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, as ilhas de São Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

Segundo BARBOSA E WYLER (1998), a história do Brasil envolve várias histórias de traduções e mudanças linguísticas. Os índios que aqui habitavam falavam milhares de línguas e dialetos diferentes, classificados por linguistas e antropólogos em 102 grupos de línguas e três grandes famílias linguísticas: *Tupi, Macro-Gê e Arawak*. Essa variedade linguística ocorreu devido à grande influência cultural, religiosa, cosmogônica e de tradições orais que levaram ao desenvolvimento de pelo menos duas línguas francas: o *Abanheénga e o Kariri*. Conforme observam as autoras:

> Considerando-se que as línguas em questão careciam de um sistema de escrita, é provável que quaisquer interações linguísticas que ocorreram entre as tribos indígenas incluíram traduções orais. (BARBOSA e WYLER, 1998, p.326, minha tradução)[1].

O primeiro documento com registro sobre o Brasil foi a carta que Pero Vaz de Caminha escreveu à coroa portuguesa e este mesmo documento registra um ato de tradução, ao descrever como índios e portugueses conseguiram estabelecer comunicação entre si através de gestos. Um nome proeminente na história das interpretações feitas nesse período é o de João Ramalho que, assim como outros, ou naufragaram ou foram deportados de Portugal e aqui se tornaram intérpretes. Ramalho acabou criando uma vila parte portuguesa parte indígena na região da atual cidade de São Paulo. Logo após, se juntou a Martin Afonso de Souza e criou São Vicente em 1532.

Uma nova fase linguística se iniciou no Brasil após a chegada dos padres jesuítas em 1549. Percebendo as vantagens de se adquirir a "língua" local dos indígenas, os padres não mediram esforços para aprendê-la. Até mesmo escreveram gramáticas baseadas nos modelos latinos já existentes. Denominada *Nheengatu*, ou "língua bonita", ela foi utilizada como meio de comunicação entre índios e europeus, e, posteriormente, entre os próprios europeus que habitavam o Brasil.

Traduções de textos religiosos começaram a ser feitas, tornando os jesuítas os primeiros tradutores do Brasil. Padre Azpicuelta Navarro (1522-1557) traduziu *Summa da doutrina cristã* do português para o *Nheengatu*. Após a sua morte, o padre José de Anchieta (1533-1597) assumiu a posição de *expert* em línguas nativas; ele escreveu *A Arte da gramática na língua mais usada na costa do Brasil*.

As línguas indígenas, porém, não eram utilizadas somente para propósitos religiosos, elas eram utilizadas também para a conquista e dominação dos nativos do Brasil. A colônia sofreu incursões de outros países – Holanda, Inglaterra e França – que, juntamente com suas línguas, ajudaram a fortalecer o multilinguismo e a tradução durante todo o período colonial. Além disso, a partir de 1503 os negros começaram a ser trazidos para o Brasil; influenciando o português através de suas línguas, dentre elas *Yoruba e Kindubundu*, além de outras línguas do grupo *Bantu*.

[1] Texto original: "Given that the languages in question lacked writing systems, any linguistic exchanges which took place between Indian tribes are likely to have included oral translation."

A educação no Brasil durante esse período até 1759 era bilíngue, em português e *Nheengatu*. O crescimento da influência jesuítica na colônia, porém, era temido, pela proteção que esses dispensavam aos índios contra a sua escravização. O Marques de Pombal, em consequência disso, expulsou os jesuítas de Portugal e do Brasil, fechando seus colégios neste mesmo ano.

Do século XVIII em diante, temos o massacre da cultura indígena pela ganância europeia. A chegada da família real portuguesa em 1808 serviu para consolidar a posição do português como a principal língua do país. Dom João elevou a condição do Brasil a reino e, nesse mesmo ano, criou a Impressão Régia, primeira instalação legal desse tipo de serviço no Brasil que reconheceu, pela primeira vez e oficialmente, os primeiros tradutores. A primeira publicação da Impressão Régia foi o livro *Elementos de Álgebra*, de Euler (1707-83), em 1809, com tradução de Manuel Araújo Guimarães. Depois da independência, a Impressão perdeu o direito de monopólio e, consequentemente, suas forças, diante da crescente indústria de impressão.

Em 1823, a criação da Assembleia Constituinte determinou que o português continuaria sendo a língua oficial do Brasil. As outras línguas foram sendo esquecidas, mas muitos brasileiros não tem noção de que continuam utilizando muitas palavras de origem indígena na rotina do seu dia-a-dia. Sabemos que o português falado no Brasil é bem diferente do falado em Portugal, devido às influências não só lexicais, mas também sintáticas e morfológicas das línguas indígenas e africanas.

Sucessivas ondas de imigração – italianas, japonesas, libanesas, polonesas, russas, sírias, entre outras – contribuíram para o desenvolvimento da variedade do português do Brasil, que se tornou ainda mais distinto do português de Portugal. Em 1933, o presidente Getúlio Vargas baniu o uso exclusivo de línguas estrangeiras na orientação educacional e impôs o português como língua da educação formal.

Durante vários períodos nos séculos XVIII e XIX, as taxas para a importação de papel aumentaram de forma vertiginosa, além de vários outros fatores que impediram a produção de livros a baixo custo no Brasil, e, consequentemente, a publicação de traduções. Somente com a aproximação da Segunda Guerra Mundial foi que os principais desenvolvimentos na área aconteceram. A partir de 1930, nomes como o de Monteiro Lobato marcaram o período devido ao volume de suas traduções.

A principal editora naquela época era a José Olympio, na cidade do Rio de Janeiro, que publicou os mais renomados autores brasileiros, bem como delegou a eles as traduções de obras estrangeiras. Além disso, o país se tornou autônomo na produção de celulose, aumentando assim o número de publicações, tendo se tornado, desde 1976, mais um país exportador do que importador dessa matéria-prima. Isso fez com que a indústria de impressão aumentasse a sua produtividade, impulsionando, dessa forma, a tradução. O número de publicações de hoje é tão grande, que quase 400 novos trabalhos literários, escritos originalmente em português, são publicados a cada ano. "*Oitenta por cento de todo material publicado no Brasil é traduzido"* (WYLER apud BARBOSA e WYLER, 1998, p. 330, minha tradução)[2], situação esta que se aplica a todos os gêneros. No caso dos livros infantis, 63% dos trabalhos publicados entre 1965 e 1974 foram de traduções.

Com relação ao pensamento sobre a tradução, várias publicações causaram um grande impacto nos estudos da tradução no Brasil, como o trabalho pioneiro de Paulo Rónai (1907-92), as reflexões teóricas dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, o *Manifesto Canibalista* de Oswald de Andrade e o livro *Tradução: a ponte necessária,* de José Paulo Paes. Esta obra irá nortear os próximos tópicos, quando abordaremos a história da tradução da poesia e da prosa no Brasil.

### 1.2. Tradução de poesia

Segundo PAES (1990), devido a pouca atenção dada à atividade tradutória no Brasil, à escassez dos nossos acervos e à falta de um sistema adequado de catalogação, é difícil fazer um levantamento histórico das traduções literárias publicadas no país. Somente após a publicação de *História da inteligência brasileira*, de Wilson Martins, que fez um levantamento sistemático e crítico da nossa produção intelectual em livros, pudemos visualizar algo sobre o período áureo das traduções nas décadas de 40 e 50.

O francês exerceu grande influência nessa produção cultural. De acordo com José Paulo Paes, foi através das versões francesas que quase todos os nossos românticos tomaram contato com a poesia de Byron, a qual iria exercer grande influência sobre a geração de Álvares de Azevedo. Porém, a partir da década de 30, com o crescimento da indústria

[2] Texto original: "80 per cent of all material published in Brazil is translated."

editorial e resultante aumento do número de obras traduzidas deixadas ao alcance dos leitores, a hegemonia francesa teve seu declínio, tornando as traduções uma inspiração até para os nossos escritores. O autor Osmar Lins (apud PAES, 1990, p. 10-11) muito bem observou:

> Necessita o escritor brasileiro, mais que os de expressão francesa ou saxônica, do convívio com outras literaturas. Tal convívio pode ocorrer mediante o conhecimento de outras línguas. Acho, entretanto, que produz melhores resultados quando o escritor dispõe de um número apreciável de obras bem traduzidas. Não apenas devido ao fato de que o escritor raramente domina vários idiomas, mas também porque o contato com o texto traduzido (e a tradução tende a exercer pressões renovadoras sobre as estruturas linguísticas do país receptor) permite uma fruição mais ágil, tendo ainda a vantagem de manter o fruidor de uma obra alienígena em contato com a sua própria língua.

Ainda no período colonial, no final do século XVIII, entre os poetas do arcadismo, a tradução ganhou qualidade de uma atividade de arejamento, com intuito de transpor os acanhados e anacrônicos limites do universo mental da colônia portuguesa e buscar os horizontes bem mais amplos das literaturas italiana e francesa, por exemplo.

Curiosamente, Dom Pedro II possuía dons de poliglota e chegou a se enredar pelos caminhos da tradução. Estudou não só o árabe, no qual iniciou a tradução de *As mil e uma noites*, mas também o hebraico. Em seu período de exílio em Avignon, produziu um pequeno livro de poemas populares hebraicos traduzidos por ele para o francês e o provençal.

O início do romantismo no Brasil ocorreu com os *Suspiros poéticos e saudades*, em 1836, e se deveu ao contato de Gonçalves de Magalhães com a poesia francesa produzida em Paris nessa época. Aqui começa de fato a influência francesa, que se estenderia até o modernismo de 1922. As versões dividem terreno com as composições originais e, na obra de alguns dos principais poetas do romantismo brasileiro, se verifica o encarecimento da tradução poética.

Um poeta muito cultuado entre nossos escritores românticos foi Byron, como dito anteriormente, devido às extravagâncias estudantis da “escola byroniana” de São Paulo. Um de seus primeiros tradutores foi Antônio Augusto Queiroga, responsável por uma versão de *Caim*. Além dele, outros poetas, como Francisco Otaviano e Fagundes Varela, também se enveredaram pelo caminho da tradução poética byroniana.

Na fase do realismo-parnasianismo, em que perduraram ainda muitas sequelas românticas, encontramos traduções de poesia dos antigos representantes do culto do

sentimento ao lado de traduções dos novos representantes do culto da forma. Machado de Assis é um dos nomes representativos desse período. Sua origem romântica se evidencia também no elenco de suas traduções de poesia. A mais célebre tradução machadiana é a de *O Corvo*, de Edgar Allan Poe. Outros poetas muitos traduzidos nessa fase são Shakespeare e Dante. As traduções skakesperianas e dantescas em português compõem um capítulo à parte, a cujo estudo dedicaram-se, respectivamente, Eugênio Gomes e Tavares Bastos.

No período que se estende dos últimos anos do século XIX ao primeiro trimestre do século XX, predominaram em nossa literatura, em parceria com influências parnasianas e naturalistas já visivelmente ultrapassadas, duas novas orientações estéticas: o simbolismo e o arte-novismo.

Dos representantes do simbolismo aplicados à tradução de poesia, nenhum conseguiu esquivar-se do fascínio de Baudelaire. Quem melhor o traduziu foi Eduardo Guimaraens. Suas versões de 81 dos 158 poemas de *As flores do mal* foram consideradas como as mais bem logradas jamais feitas entre todos seus tradutores.

Também a tradução de prosa usufruiu de momentos de destaque ao longo da história da tradução no Brasil. A seguir, apresentaremos um breve histórico da tradução nessa modalidade ao longo dos principais movimentos literários até aqui abordados.

### 1.3. Tradução de prosa

A tradução de prosa não teve em seus primeiros períodos da história um teor literário, mas sim um viés fortemente doutrinário, como observa Paes:

> Talvez se possa considerar como um dos marcos históricos da tradução entre nós a publicação em Lisboa, no ano de 1618, de um "Catecismo na língua brasílica", preparado pelo Pe. Antônio de Araújo. Não se trata, claro está, de obra de natureza literária, e sim pragmática, para servir de instrumento no trabalho missionário da catequese (PAES, 1990, p.12).

Retomando o período romântico, vale a pena destacar, na tradução de prosa, a imagem daquele a quem se pode considerar como o primeiro tradutor realmente profissional, quer dizer, que fez da tradução um meio de subsistência. Falamos de Caetano Lopes de Moura (1780 – 1860). Ele traduziu nada menos que 24 livros para o editor Aillaud, dentre os quais

romances de autoria de Chateaubriand, Fenimore Cooper, Walter Scott, Alexandre Dumas, entre outros.

O gênero mais famoso nesse período foi o romance-folhetim – também influenciado pelo francês – que deleitava um vasto público da classe média brasileira. Um dos tradutores desses folhetins foi Emílio Zaluar, que traduziu *Os moicanos de Paris*, de Alexandre Dumas, para o *Correio Mercantil*, em cujos rodapés haviam sido publicadas, pouco antes, as *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. A *Revista popular*, depois convertida no *Jornal das famílias brasileiras* – tendo Machado de Assis um colaborador constante – também se aplicou ao gênero, publicando um grande número de folhetins franceses, entre os mais populares o *Romance de um moço pobre*, de Octave Feuillet. Em 1877, o jornal *O globo*, do Rio de Janeiro, apresentou uma tradução seriada de *Les Guaranys*, de Gustave Aymard, como sendo uma "continuação" da obra-prima de José de Alencar.

No período do realismo-parnasianismo, Nestor Vítor, crítico e ensaísta que tanto se empenhou pelo reconhecimento da poesia de Cruz e Sousa, sobressaiu-se pelo fato de, durante anos em que viveu em Paris, ter feito e revisto traduções, em caráter profissional, para a Casa Garnier. Traduziu um ensaio filosófico de tendência estoicista, *A sabedoria e o destino*, que Monteiro Lobato também depois veio a traduzir.

Monteiro Lobato foi o grande expoente da indústria do livro no Brasil, durantes as décadas de 30 e 40. Com os êxitos obtidos, surge a Editora Monteiro Lobato revolucionando as práticas editoriais, dominando o mercado, ampliando e lançando grande número de títulos, de nomes novos no meio, em especial. Nesse período, o número de traduções de textos em inglês, demonstrado através da prática tanto de Monteiro Lobato quanto de Rachel de Queiroz, desbancou a hegemonia francesa tão influente até então. Através de Lobato, o Brasil se tornou mais receptivo a novos autores e línguas e a indústria editorial se estabeleceu por todo o país.

De acordo com OLIVEIRA (2002, p. 6-7),

> [...] a atividade de tradutor foi exercida por Lobato ao longo de aproximadamente nove anos. De acordo com levantamentos e pesquisas feitas, inclusive no Acervo Monteiro Lobato, foi possível concluir que Lobato traduziu cerca de setenta e sete títulos. Além de tradutor, Lobato também foi adaptador de obras importantes da literatura infantil mundial,

> tais como Pinóquio, Robinson Crusoé e Conto de Fadas, do francês Charle Perrault.

Segundo PAES (1990), a agilidade e presteza com que era compelido a trabalhar, não permitiam que Monteiro Lobato refinasse suas versões, que nem sempre podiam servir como um exemplo de tradução, mas acabavam sempre se tornando prazerosas leituras. De qualquer forma, não se pode negar sua contribuição ao se tornar o primeiro escritor brasileiro de renome a conferir prestígio ao trabalho de tradução que, até então, era encoberto pelo completo anonimato ou por modestas iniciais.

Outro escritor de notória influência foi Érico Veríssimo. Paes ressalta que, foi em suas memórias que Veríssimo contou como começou traduzindo, noites afora, um romance policial de Edgar Wallace, tarefa esta que não lhe dava prazer algum. Mais tarde, entusiasmado com o *Contraponto*, de Huxley, traduziu-o para o português e convenceu a Editora Globo a publicá-lo. Por fim, o autor acabou se tornando conselheiro editorial da Editora Globo. Sob sua orientação, a coleção Nobel surgiu, pela qual Eríco Veríssimo verteu para o português várias obras de Somerset Maughan, entre elas *Servidão Humana*.

Entre as décadas de 1940 e 1950, "*quadra em que, no dizer de Wilson Martins, o grande 'volume de traduções dava consistência à vida literária e, além da receptividade psicológica para os livros brasileiros, assegurava a consolidação da indústria editorial*'" (MARTINS apud PAES, 1990, p. 29), a Editora José Olympio, lançava os grande autores brasileiros da época, ampliando sua linha de traduções, confiando-as a autores como Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Ruben Braga, Rachel de Queiroz entre outros.

Foi a Editora Jose Olympio que publicou a maior parte das obras e traduções da escritora Rachel de Queiroz, dentre as quais 23 obras editadas e publicadas de sua autoria, incluindo romances, peças de teatro, coletânea de crônicas e antologias. No que diz respeito ao trabalho como tradutora, OLIVEIRA (2002, p.9) observa que:

> Rachel de Queiroz traduziu quarenta e quatro títulos entre 1942 e 1972. Sua atividade mais intensa foi durante a década de 40, quando ela traduziu 71% do total de suas traduções. Durante as décadas de 60 e 70, a escritora traduziu apenas oito livros. No entanto, nesse pequeno intervalo de tempo (1963 a 1972), Rachel de Queiroz trabalhou para três editoras: A José Olympio, que fizera contribuições para o complexo Ipês-IBAD, a Delta e a Ediouro.

Em 1947, Rachel de Queiroz, traduziu o livro *Morro dos Ventos Uivantes*, tradução que será um dos nossos focos de análise.

No próximo capítulo, iremos abordar as principais correntes teóricas que perpassam a tradução literária e que se reflete no trabalho tradutório de autores brasileiros renomados, como os discutidos até aqui.

# CAPÍTULO 2

# AS TEORIAS DE TRADUÇÃO APLICADAS À TRADUÇÃO LITERÁRIA

No presente capítulo discutiremos as principais teorias e reflexões acerca da tradução literária, procurando estabelecer uma correlação entre elas e culminando com a reflexão de ANTOINE BERMAN (2007[1985]) sobre a tradução da prosa literária através de sua analítica sobre a deformação da letra, cujas categorias serão aplicadas à análise de capítulos de traduções selecionados para o presente trabalho.

## 2.1. A teoria dos polissistemas

A literatura deve ser vista como um complexo e dinâmico sistema. Essa ideia de literatura como um sistema remonta aos formalistas russos, dentro os quais Tyanov e Jakobson, e mais notadamente dos estruturalistas tchecos Mukaroský, Vodicka; mas o conceito de polissistema – diferenciado e dinâmico – foi desenvolvido por ITAMAR EVEN-ZOHAR (1990). Essa teoria concebe a literatura como um sistema estratificado, constituído de centro e periferia, mas, ao mesmo tempo, coexistindo com outros sistemas paralelos, que imprimem àquele uma dinâmica de forças na constante luta pelas posições mais centrais ao sistema literário. Tais forças podem ser de natureza estética ou poética ou mesmo de natureza sócio-político-ideológica que, ao longo da história das civilizações, exerceram influência dentro desses polissistemas e promoveram mudanças.

A tradução ao longo dos séculos teve fundamental importância na cristalização de culturas nacionais e na consolidação de gêneros literários. A despeito disso, a história deixa de fazer menção a esse papel da tradução com o rigor que deveria fazer. Consequentemente, tem-se uma ideia muito pequena da função da literatura traduzida para uma literatura como um todo e das posições que ela pode ocupar dentro de um polissistema literário.

Nesse sentido, é justificável que se discuta a literatura traduzida. Na verdade, Zohar ainda observa: *"Não consigo ver de que forma qualquer esforço acadêmico para descrever e*

*explicar o comportamento do polissistema literário em sincronia e diacronia pode avançar de forma adequada se tal não for reconhecido."* (ZOHAR, [1990], p. 4). Dessa forma, a literatura traduzida pode ocupar três diferentes posições dentro do polissistema literário: a posição central, a posição periférica, ou ambas.

Quando a literatura traduzida ocupa a posição central, significa que ela participa ativamente da modelagem do centro do polissistema, fazendo parte de forças inovadoras e, desse modo, sendo identificada com os principais eventos na história literária no momento em que estão ocorrendo, não havendo distinções entre produções originais e traduzidas. Frequentemente, são os principais escritores que produzem as traduções mais conhecidas e apreciadas e a tradução se torna um dos meios de criação do novo repertório literário. Serão introduzidas na literatura doméstica características que ela ainda não possuía – novos modelos de realidade, nova linguagem poética ou novos padrões e técnicas de composição – e a seleção das obras a serem traduzidas será feita em função de situações que governam o polissistema doméstico.

Existem algumas situações que levam a literatura traduzida a ocupar a posição central: quando um polissistema ainda não se encontra cristalizado (ainda é jovem) ou, quando um polissistema é periférico ou fraco ou então, quando há momentos de decisões, de crises ou de vácuos literários.

A literatura traduzida ocupará a posição periférica quando constituir um sistema periférico dentro do polissistema literário, geralmente empregando modelos secundários e também quando não possuir influência em processos importantes. Além disso, pode ser modelada de acordo com normas já convencionalmente estabelecidas por um tipo já dominante na literatura alvo ou tornar-se um fator importante de conservadorismo. Enquanto a literatura alvo continua desenvolvendo novas normas e modelos, a literatura traduzida adere a normas que foram rejeitadas há pouco ou há mais tempo pelo centro (recentemente) estabelecido e não mantém mais correlações positivas com a produção escrita original.

A ocupação da posição periférica pode ser determinada pelo fato de que não há mudanças importantes no polissistema literário ou de que essas mudanças não são efetuadas através de relações interliterárias materializadas na forma de traduções.

Por fim, a literatura traduzida irá ocupar uma dessas posições quando uma parte desse sistema/polissistema, que é estratificado, ocupar uma posição, enquanto a outra parte ocupa

outra posição. Quando existe uma interferência intensa sobre a literatura, é a porção da literatura traduzida que provém de uma literatura fonte mais importante que tem probabilidade de assumir a posição central. Do contrário, a posição normalmente assumida pela literatura traduzida é periférica.

Como vimos acima, existem momentos históricos que demandam a introdução de novos conceitos ou movimentos, sejam eles estéticos / poéticos ou sócio-político-ideológicos, que influenciam o polissistema literário. A escolha de um determinado tipo de obra a ser traduzida, dentro de um gênero e língua específicos, por exemplo, demonstram fatores que interagem na dinâmica de forças que opera dentro do polissistema. A seguir, veremos como a manipulação, a patronagem e a reescritura ilustram essa dinâmica.

## 2.2. Manipulação, patronagem e reescritura

A manipulação de textos é, na visão de HERMANS (1986), inerente a todo processo tradutório, na medida em que "*do ponto de vista da literatura-alvo, toda tradução implica em um grau de manipulação do texto-fonte com um determinado propósito*." (HERMANS, 1986, p. 11, minha tradução)[3].

O objetivo de André Lefevere em seu livro *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame* é de enfatizar tanto a importância da reescritura como a força que resultou em evolução literária, quanto a necessidade de um estudo mais específico sobre esse fenômeno. Lefevere reconhece que, nos dias de hoje, a chamada "alta" literatura é lida apenas nas instituições educacionais, pelos leitores profissionais, não sendo mais objeto de atenção dos que ele irá denominar de leitores não profissionais. Tal fato, para ele, tem limitado cada vez mais a influência do leitor profissional nas instituições educacionais.

De acordo com LEFEVERE (1992), através da produção de traduções, histórias de literatura ou suas compilações mais condensadas, antologias, críticas, edições e assim por diante, os reescritores irão adaptar, manipular até certo ponto os originais com os quais trabalham, geralmente para moldá-los à corrente, ou a uma das correntes que irão determinar

[3] Texto original: "From the point of view of the target literature, all translation implies a degree of manipulation of the source text for a certain purpose."

as reescrituras, correntes essas que podem ser de natureza ideológica, que vão além do sistema literário, ou poetológica, internas ao sistema. "*A reescritura manipula e é eficiente*" (LEFEVERE, 2007 [1992], p. 24). E, se pensarmos bem, essas reescrituras são produzidas a serviço, ou sob as restrições, de certas correntes ideológicas/ ou poetológicas. É a partir dessa constatação que depreendemos o conceito de patronagem.

A patronagem deve ser entendida como *"as forças (pessoas ou instituições) que podem implementar ou prejudicar a leitura, a escritura e a reescritura da literatura"* (LEFEVERE 2007 [1992], p. 34). A patronagem pode ser exercida por pessoas, grupos de pessoas, organizações religiosas, partidos políticos, classes sociais, tribunais reais, editores e a mídia, isto é, jornais, revistas e grandes redes de televisão. Os patronos, ou patrocinadores, segundo o autor, podem tentar regular a relação entre o sistema literário e outros sistemas, que, juntos, formam uma sociedade, uma cultura, um polissistema.

Existem três componentes que se integram para estabelecer a ideia de patronagem. São eles: o ideológico, que irá definir o que deve ser traduzido e como deve ser traduzido; o econômico, que irá estabelecer a relação de troca de serviços entre o patrono e o reescritor; e por fim o de status, que irá definir a inserção e aceitação, por certos grupos, da patronagem. Com isso, dois tipos de patronagem podem ocorrer, a indiferenciada, no qual esses três componentes citados acima são dominados/comandados por apenas um patrono, um poder absoluto, por exemplo, os monarcas ao longo dos séculos; e a patronagem diferenciada, em que um ou mais componentes serão determinados por indivíduos ou instituições diferentes, como muitos casos de obras literárias em que os componentes ideológico e econômico podem ser dispensados às editoras e o componente de status se refere à integração dos autores e/ou tradutores ao grupo que administra a patronagem.

Lefevere ainda acredita que o estudo da reescritura serve para restituir a um certo estudo da literatura alguma relevância social mais imediata que o estudo da literatura, como um todo, perdeu. De todos os tipos de reescrituras existentes, o autor considera a tradução a mais obviamente reconhecível e potencialmente mais influente, pois tem a capacidade de projetar a imagem do autor e de uma série de obras em outra cultura, engrandecendo-os além das fronteiras de sua cultura de origem.

### 2.3. Domesticação e estrangeirização

Levar autor e obra a uma nova cultura, porém, é tarefa complexa. Implica em escolhas, em decisões por parte dos tradutores sobre os rumos a se seguir.

A pergunta que os tradutores mais se fazem durante o ato de tradução é: qual caminho se deve seguir? Por que e como se deve traduzir? Venuti versa sobre essas questões em seu texto *The Translator's Invisibility*, dizendo que embora ele tenha interpretado a tradução como o lugar de muitas determinações e efeitos – linguísticos, culturais, econômicos, ideológicos – ele também indica que o tradutor literário autônomo igualmente pratica uma escolha no que diz respeito ao grau e direção da violência em qualquer tipo de tradução. Essa escolha abre vários preceitos, tanto no passado quanto no presente, mas, provavelmente, ninguém foi tão decisivo nessa questão quanto o teólogo e filósofo alemão Friedrich Schleiermacher.

Schleiermacher discute que só existem dois tipos de tradução: "o*u o tradutor deixa em paz o autor, o máximo possível, e traz o leitor em direção a ele; ou ele deixa o leitor em paz, o máximo possível, e traz o autor em direção a ele."* (LEFEVERE apud VENUTI, 1995, p. 19-20, minha tradução)[4]. Admitindo-se (o "máximo possível") que a tradução nunca será completamente adequada para o texto estrangeiro,

> Schleiermacher permite que o tradutor escolha entre um método domesticante, uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro para os valores culturais da língua alvo, trazendo o autor de "volta para casa"; ou um método estrangeirizante, uma pressão "etnodesviante" naqueles valores para registrar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro, enviando o leitor para o estrangeiro. (VENUTI, 1995, p. 20, minha tradução)[5]

Schleiermacher defende o método estrangeirizante, o que levou o teórico e tradutor francês Antoine Berman a tratar tal argumento como uma ética da tradução, em que o texto traduzido se torna naturalmente, *"um lugar onde um outro cultural é manifestado – embora, naturalmente, uma alteridade que nunca poderá se manifestar em seus próprios termos,*

[4] Texto original: "Either the translator leaves the author in peace, as much as possible, and moves the reader towards him; or he leaves the reader in peace, as much as possible, and moves the author towards him."

[5] Texto original: "Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad."

*somente naqueles da língua alvo e, portanto, sempre já codificada"* (BERMAN apud VENUTI, 1995, p. 20, minha tradução)[6].

### 2.4 Albergamento e deformação da letra

Esta concepção ética de tradução como espaço para a manifestação do outro comunga, então, com o método de tradução estrangeirizante defendido por Schleiermacher. Também DERRIDA (2003) se alinha com esse pensamento quando observa que "*o convite, a acolhida, o asilo, o albergamento passam pela língua ou pelo endereçamento ao outro.*" (DERRIDA apud OLIVEIRA, 2012).

Imbuído desse espírito que concebe a tradução como albergamento do estrangeiro, BERMAN (2013 [1985]) em sua obra *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, faz "*uma crítica às teorias tradicionais que concebem o ato de traduzir como uma restituição embelezadora (estetizante) do sentido*" (BERMAN, 2013, p. 19). O autor recusa a figura do ato de traduzir como um mero servidor de sentido. A letra – aquilo que nenhuma interpretação pode modificar – deve ser priorizada e não o seu sentido. E o que é um texto se não sua própria letra? Por isso, o autor frisa a ideia de sua preservação. Qualquer tipo de estratégia tradutória deve ser evitada para que assim a deformação da letra não ocorra. Conforme observa Berman,

> [...] o objetivo ético do traduzir, por se propor acolher o Estrangeiro na sua corporeidade carnal, só pode estar ligado *à letra* da obra. Se a *forma* do objetivo é a fidelidade, é necessário dizer que só há fidelidade – em todas as áreas – à letra. Ser "fiel" a um contrato significa respeitar suas cláusulas, não o "espírito" do contrato. Ser fiel ao "espírito" de um texto é uma contradição em si. (p. 98)

No capítulo "*A analítica da tradução e a sistemática da deformação"* o autor examina o sistema de deformação dos textos que está em operação em toda tradução, e, segundo ele, impede que se alcance seu verdadeiro objetivo. Ele acredita que esse sistema é grandemente

[6] Texto original: "...a place where a cultural other is manifested – although, of course, an otherness that can never be manifested in its own terms, only in those of the target language, and hence always encoded."

inconsciente e acaba sendo sancionado cultural e literariamente. Uma simples análise não daria conta dessas deformações, e também não as neutralizaria. Por isso, diz que

> [...] é apenas ao submeter-se a "controles" (no sentido psicanalítico) que os tradutores podem esperar libertar-se parcialmente desse sistema de deformações, que é uma expressão interiorizada de uma longa tradição e da estrutura etnocêntrica de cada cultura e cada língua enquanto "língua culta" (p. 64).

Tal analítica, apresentada pelo crítico, trata das forças deformadoras que se exercem no domínio da prosa literária, não apenas porque Berman tem mais experiência nessa área, mas também porque considera que esta área da tradução foi, até então, injustamente negligenciada.

Ainda segundo o autor, as deformações na prosa são mais bem aceitas – quando percebidas – do que as deformações da tradução de textos poéticos, porque a prosa é considerada como inferior à poesia. As deformações que ocorrem durante a tradução da prosa, que ocasionarão a deformação de sua letra, encontram justificativas na construção de um sentido mais claro e de uma bela forma.

Com isso, Berman irá evocar 13 tendências deformadoras: a racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento, o empobrecimento qualitativo, o empobrecimento quantitativo, a homogeneização, a destruição de ritmos, a destruição das redes de significantes subjacentes, a destruição dos sistematismos, a destruição (ou exotização) das redes de linguagens vernaculares, a destruição das locuções e o apagamento da superposição de línguas.

Para ele, essas tendências deformadoras, que formam um todo sistemático, tem por finalidade a destruição, não menos sistemática, da *letra* dos originais somente em benefício do "sentido" e da "bela forma". Dentre as tendências, algumas convergem, ou derivam das outras. Vejamos, uma a uma:

A <u>racionalização</u> é uma tendência deformadora no tocante às estruturas sintáticas e à pontuação. Ela reorganiza as frases e as suas sequências de maneira a arrumá-las conforme uma determinada ideia da ordem de um discurso. *"A racionalização conduz violentamente o original de sua arborescência à linearidade"* (p. 68). A racionalização faz passar o original do concreto para o abstrato, não apenas ao reordenar linearmente a estrutura sintática, mas

também ao traduzir verbos por substantivos, escolhendo entre dois substantivos o mais geral e assim por diante.

A clarificação diz respeito ao nível de clareza sensível das palavras ou de seus sentidos. Ela tende a esclarecer, explicar algo que não está claro no texto original. Essa tendência é inerente à tradução. Porém, como bem observa Berman, ela pode tornar-se negativa quando visa a tornar "claro" o que não é e não quer ser no original. Exemplos de ocorrência dessa deformação são encontrados na passagem da polissemia à monossemia e na tradução parafrásica ou explicativa.

O alongamento prevê que toda tradução tem a propensão de ser mais longa que seu original, tornando-se uma consequência, em parte, das duas primeiras tendências já apresentadas acima. A racionalização e a clarificação exigem um alongamento, um desdobramento do que está, no original, "dobrado". Porém, esse acréscimo pode ser considerado um vazio. Pois, o acréscimo não servirá em nada, só irá aumentar a massa bruta do texto, dessa forma causando seu empobrecimento. De acordo com Berman, *"o alongamento é um afrouxamento que afeta a rítmica da obra"* (p. 72). Nota-se que o alongamento se produz – em diversos graus – em todas as línguas para as quais se traduz, e que não há essencialmente uma base linguística, essa tendência é inerente ao ato de traduzir enquanto tal.

O enobrecimento se dá quando o tradutor tenta produzir frases "elegantes" usando, por assim dizer, o original como matéria prima. Assim, o enobrecimento é somente uma reescritura, a partir (e às custas) do original. Isso acaba levando a uma retoricização embelezadora do texto.

O empobrecimento qualitativo ocorre quando há substituição dos termos, expressões, modos de dizer etc. do original por outros que não têm nem sua riqueza sonora, nem sua riqueza significante (icônica). *É icônico o termo que, em relação ao seu referente, "cria imagem", produz uma consciência de semelhança* (p. 75). Quando essa prática de substituição – que privilegia a designação às custas do icônico – se aplica a toda obra, ela acaba por destruir boa parte de sua significância e de sua falância.

O empobrecimento quantitativo é uma tendência que trata do desperdício lexical, o que quer dizer que, quando o texto original apresenta um excesso de significantes – e de suas cadeias sintáticas – para o mesmo significado, o texto traduzido apresenta estes significados

de forma relativamente menor do que o texto original, atentando assim, contra o tecido lexical da obra, o seu modo de lexicalidade, a abundância. E este desperdício pode conviver com a intensificação da massa bruta do texto, com o alongamento. Berman dá como exemplos o acréscimo de uns "o", "a", "os", "as", uns "quem" e uns "que", ou ainda significantes explicativos e ornamentais que não têm nada a ver com o tecido lexical de origem.

A homogeneização trata da unificação do tecido original, embora este seja originalmente heterogêneo. Com certeza, é a deformação resultante de todas as tendências precedentes. Ao trabalhar com uma obra heterogênea – e a obra em prosa quase sempre o é – o tradutor tende a unificar, a homogeneizar o que é de natureza diversa, até mesmo absurda. Como bem observa Berman, a homogeneização compila a maior parte das tendências do sistema de deformação. Porém, *"é preciso considerá-la como uma tendência em si, que mergulha profundamente suas raízes no ser do tradutor."* (p. 77)

De acordo com Berman, o romance, a carta e o ensaio não têm menos ritmo do que a poesia. Apresentam até mesmo uma multiplicidade entrelaçada de ritmos que a tradução tem dificuldade em quebrar. Assim, mesmo "mal" traduzido, um romance continua a prender nossa atenção. Contudo, a deformação pode afetar consideravelmente a rítmica, por exemplo, ao alterar a pontuação. A essa tendência, Berman denominou a destruição de ritmos.

Todo obra contém em si um texto subjacente, no qual certos significantes chave se combinam e se encadeiam, formando assim, redes sob a superfície desse texto, o subtexto. Podem ocorrer, por exemplo, palavras que formam, quer seja pelas suas semelhanças ou seus modos de intencionalidade, uma rede específica. A destruição das redes de significantes subjacentes se dá quando a tradução não reproduz essas redes de significância, rompendo um dos tecidos da obra. A tradução tradicional não irá dar conta dessa sistemática. Por isso, o tradutor deve estar sempre atento à rede de palavras que se forma ao longo do texto original. Sozinhas, essas palavras podem não significar nada, porém, fornecem uma uniformidade e sentido implícito a ele.

O sistematismo de uma obra ultrapassa o nível dos significantes, atingindo também os tipos de frases, de construções utilizadas. O emprego de tempos verbais é um desses sistematismos; o recurso a tal ou tal tipo de subordinada também. A racionalização, clarificação e alongamento destroem este sistema ao introduzir elementos que esse sistema, por essência, exclui. A destruição dos sistematismos acontece quando se destrói a

sistematicidade da obra em prol de uma homogeneidade, fazendo co que a tradução se torne mais homogênea que o original, mas, ao mesmo tempo, mais incoerente, mais heterogênea e mais inconsistente em si mesma. É uma mistura de diversos tipos de escrituras.

A décima primeira tendência deformadora listada por Berman é a destruição ou a exotização das redes de linguagens vernaculares[7], pois toda grande prosa mantém relações estreitas com as línguas vernaculares. Sendo assim, o seu apagamento torna-se um grande atentado à textualidade das obras em prosa, quer se trate da supressão dos diminutivos, da substituição dos verbos ativos por verbos com substantivos e assim por diante. Berman diz que existe uma maneira de conservar os vernaculares, exotizando-os, por exemplo, com o uso de itálicos, isolando-os do texto. Porém, a exotização pode caminhar para a vulgarização ao passar um vernacular estrangeiro para um vernacular local. Infelizmente, o vernacular não pode ser traduzido a outro vernacular. Para o autor, *"só as coinés, as línguas "cultas", podem entretraduzir-se"* (p. 82-83).

Toda obra em prosa é rica em imagens, locuções, modo de dizer, provérbios etc. De acordo com Berman, a destruição das locuções ocorre quando se tenta buscar um equivalente para a expressão, substituindo-a pelo que seria seu análogo no texto traduzido. Porém, ainda que o sentido seja idêntico, substituir um idiotismo[8] pelo seu equivalente é um etnocentrismo que, repetido em larga escala, levaria ao absurdo. Nas palavras do autor, "*Servir-se da equivalência é atentar contra a falância da obra."* (p. 84).

A superposição das línguas pode ser de duas espécies: ou dialetos coexistem com uma coiné, ou várias coinés[9] coexistem. O apagamento das superposições de línguas ocorre na prosa, principalmente nos romances, e Berman considera ser esse o problema central na tradução desse tipo de obra. Este caso pode ser ilustrado "*pela obra de Guimarães Rosa, em que o português clássico e falares do Nordeste do Brasil se interpenetram*." (p. 85)

---

[7] Segundo o dicionário online Caldas Aulete, vernacular ou vernáculo é um termo que se dá à linguagem sem incorreções, alterações ou inclusão de estrangeirismos; ou, ainda, pode referir-se à língua falada pelo povo de um país ou de uma região; língua vernácula. Informação disponível em <http://aulete.uol.com.br/vernáculo>. Acessado em 11 jul., 2014.

[8] Berman usa a palavra idiotismo significando idiomatismo, ou seja, locução ou construção peculiar a uma língua, ou termo ou expressão de uma língua, que não tem correspondente em outra. Informação extraída do dicionário online Michaelis, disponível em <http://michaelis.uol.com.br/>. Acessado em 11 jul. 2014.

[9] Coiné, de acordo com dicionário online Michaelis, significa língua comum entre os gregos, baseada no dialeto ático, adotada pelos habitantes dos países da parte oriental do Mediterrâneo, a partir do século IV a.C. Berman, entretanto, emprega o termo coiné no sentido de língua culta, e o termo vernacular no sentido de língua falada. Informação extraída do dicionário online Michaelis, disponível em <http://michaelis.uol.com.br/>. Acessado em 11 jul. 2014.

Todas as tendências abordadas aqui formam indiretamente um todo que se entende, na visão do autor, como letra: "*todas as dimensões às quais o sistema de deformação atinge*" (p. 86). Dessa forma, esse sistema irá representar uma maneira tradicional de se traduzir. O autor ressalta ainda que toda teoria da tradução existente até então era a teorização da destruição da letra em favor do sentido. Ele, então, sugere o caminho inverso, no qual a preservação da letra teria um papel determinante no processo de tradução de uma obra.

No próximo capítulo, iremos analisar a relação entre os procedimentos técnicos de tradução, tal como descritos por BARBOSA (2004 [1990]) e as tendências deformadoras descritas por BERMAN (2013 [1985]), procurando estabelecer pontos de contato entre as duas abordagens, a partir de uma amostra de dados de tradução a que tais procedimentos e tendências serão aplicados.

# CAPÍTULO 3

## AS PROPOSTAS DE HELOÍSA GONÇALVES BARBOSA E ANTOINE BERMAN APLICADAS À TRADUÇÃO LITERÁRIA

Neste capítulo apresentaremos a proposta de categorização dos procedimentos técnicos da tradução de acordo com BARBOSA (2004 [1990]), seguidos de exemplos ilustrativos, que servirá de base para a análise do primeiro capítulo de duas traduções diferentes da obra Wuthering Heights, de Emile Brontë[10], publicada pela primeira vez em 1847 e cuja análise se detém sobre a edição de 2007. A primeira tradução analisada se detém sobre uma edição convencional, traduzida por Rachel de Queiroz e publicada pela editora Record em 1996[11]. A segunda tradução é proveniente de uma edição bilíngue publicada pela editora Landmark em 2007, cuja tradução ficou a cargo da tradutora Carolina Caires Coelho.

Com relação à metodologia de análise, o objetivo geral estabelecido é analisar duas edições diferentes de traduções da obra *Wuthering Heights*, com base na categorização dos procedimentos técnicos da tradução, segundo BARBOSA (2004 [1990]), detectando e classificando também os procedimentos não técnicos recorrentes. A partir dessa análise, buscaremos verificar como a sistemática de deformação da letra, segundo BERMAN (2013 [1985]) se correlaciona com as escolhas tradutórias em cada uma das edições.

Esse objetivo geral se desdobra, então, nos seguintes objetivos específicos:

a) Analisar quantitativamente e qualitativamente os dados selecionados, comparando e contrastando os mesmos, e buscando estabelecer regularidades quanto aos procedimentos de tradução;

---

[10] Emily Jane Brontë (1818-48) foi uma escritora e poetisa britânica. Era a segunda irmã mais velha das três irmãs Brontë, entre Charlotte e Anne. Dentre elas, era a mais notável em sua escrita. "Seus poemas são vivos e originais, e seu romance *Wuthering Heights* é a verdadeira alma e coração do espírito romântico, [...]". (BURGESS, 1974 [1958], p. 186, minha tradução). Informações sobre a escritora também disponíveis em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Emily_Bront%C3%AB>. Acessado em 11 jul. 2014.

[11] A primeira tradução no Brasil, com o título "Morro dos Ventos Uivantes", foi feita em 1938, por Oscar Mendes, então da Editora Globo. Em 1971, a Editora Bruguera lançou o Morro dos Ventos Uivantes, na sua Coleção "Livro Amigo", volume 44, com tradução de Vera Pedroso. A Editora Abril, em 1971, lançou "Os Imortais da Literatura Universal", em que o Morro dos Ventos Uivantes foi o 10º volume, utilizando a tradução de Oscar Mendes, sob licença da Editora Globo. Informações obtidas em <http://pt.wikipedia.org/wiki/O_morro_dos_ventos_uivantes>. Acessado em 11 de jul. 2014.

b) Aplicar os achados à analítica sobre a deformação da letra, segundo BERMAN (2013 [1985]), analisando qualitativamente os dados e buscando detectar as deformações ocorridas e estabelecer pontos de contato entre as duas abordagens.

As hipóteses levantadas para a presente análise são:

a) A tradução na edição convencional tende a apresentar maior variabilidade quanto aos procedimentos técnicos da tradução e maior grau de domesticação do texto traduzido, enquanto que a tradução na edição bilíngue tende a apresentar menor variação nos procedimentos técnicos da tradução e maior fidelidade ao texto-fonte, resultando em uma maior estrangeirização do mesmo;
b) A tradução na edição convencional tende a sofrer maior deformação da letra e maior estetização do sentido, enquanto que a tradução na edição bilíngue tende a se mantém mais fiel à letra, valendo-se menos de recursos deformadores.

Com relação à primeira análise implementada, qual seja, a análise dos procedimentos técnicos da tradução, o primeiro capítulo de cada uma das traduções será analisado na íntegra, através de um processo de segmentação do texto em unidades de tradução, que seguirá a proposta de AUBERT (1981), que propõe a "*análise sintática explícita do texto, dividindo cada parágrafo em períodos e estes em unidades sintáticas menores".* (AUBERT, 1981, p. 15). Complementarmente, utilizaremos também, o conceito de ALVES (2011), para unidades de tradução (UTs), em que ele define unidade de tradução como "*Um segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco do tradutor."*(ALVES, 2011, p. 38)

Após a segmentação, as unidades de tradução serão analisadas, aplicando-se os procedimentos técnicos da tradução, quantificados de acordo com a sua ocorrência ao longo do capítulo selecionado. Os resultados serão dispostos em tabelas de acordo com o número de ocorrências e sua frequência. Após esta etapa, alguns dados serão analisados qualitativamente, de forma a ilustrar os procedimentos detectados em ambas as traduções, buscando-se comparar e contrastar os resultados.

Em seguida, alguns excertos serão analisados de acordo com a reflexão sobre a deformação da letra proposta por BERMAN (2013 [1985]), buscando-se estabelecer pontos

de contato entre a análise baseada em BARBOSA (2004 [1990]) e as tendências deformadoras detectadas nas traduções, segundo a sistemática de deformação de Berman.

A partir desta abordagem contrastiva, algumas considerações serão feitas, buscando-se contribuir para a pesquisa em tradução do que diz respeito à tradução literária, sob a perspectiva das duas propostas de análise aplicadas à tradução de *Wuthering Heights*.

A seguir, apresentaremos, em detalhe, a primeira proposta de aplicação aos dados que é a caracterização dos procedimentos técnicos da tradução segundo Barbosa.

### 3.1. Os procedimentos técnicos da tradução

O primeiro procedimento recaracterizado por Heloísa Gonçalves Barbosa em sua obra, a partir de uma análise de contribuições anteriores, como as dos teóricos CATFORD (1980), NEWMARK (1982), NIDA (1984) E VÁZQUEZ-AYORA (1977), é a tradução palavra-por-palavra.

A <u>tradução palavra-por-palavra</u> caracteriza-se por uma correspondência um-a-um entre os elementos do segmento analisado, em que se observam as mesmas categorias gramaticais na mesma ordem sintática. De acordo com Barbosa, este tipo de procedimento "*corresponde à expectativa que muitos têm a respeito da tradução*." (BARBOSA, 2004[1990], p. 64)

Ex.: *She is my cousin.*
Ela é minha prima.

*Memoirs of a Geisha.*
Memórias de uma Gueixa.

A <u>tradução literal</u> caracteriza-se por uma adequação morfossintática entre os elementos do texto original e da tradução, possibilitando o apagamento ou acréscimo de itens, porém, mantendo-se a fidelidade ao sentido.

Ex.: *It rained.*
Ø Choveu.

*He is a very handsome man.*

Ele é um homem muito bonito.

A transposição caracteriza uma alteração de classe gramatical, embora o sentido original seja mantido, podendo ser obrigatória, para adequar-se às normas gramaticais da língua a ser traduzida ou opcional, por questões de natureza estilística.

Ex.: she said *reproachfully* - advérbio

(ela) disse *repreensivamente (literal)* - advérbio

(ela) disse *censurando (transposição)* - verbo

(alteração da classe gramatical: advérbio para verbo)

she said *apologetically* - advérbio

(ela) disse *apologicamente* (literal) - advérbio

(ela) disse *como justificativa* (transposição) - adjunto adverbial

(alteração da classe gramatical: advérbio para adjunto adverbial)

A modulação trata de um procedimento que evidencia uma mudança de perspectiva ou ponto de vista, possibilitando diferentes interpretações do mundo real.

Ex.: *like the back of my hand*

*como a palma da minha mão*

(mudança de ponto de vista: da parte de trás para a palma da mão)

*It is easy to see*

É fácil de ver (*tradução literal)*

Não é difícil de ver *(modulação)*

A equivalência constitui-se em uma substituição de toda a expressão por outra que lhe seja funcionalmente equivalente. É utilizada na tradução de clichês, provérbios, expressões idiomáticas e ditados populares, casos em que a tradução literal não daria conta de seu sentido, deixando-o confuso ou inexpressivo.

Ex.: *It's a piece of cake* → É sopa.

*Truly yours* → Atenciosamente.

A <u>omissão</u> consiste em omitir elementos do texto original que são considerados desnecessários para a tradução. No processo de traduzir do inglês para o português, este procedimento, por exemplo, ocorreria em relação aos pronomes pessoais.

Ex.: *He said.*
Disse.

*We can always try to be a better person.*
Ø Podemos sempre tentar ser uma pessoa melhor.

A <u>explicitação</u> se dá de forma contrária à omissão. Por exemplo, na tradução do inglês para o português, a explicitação do pronome seria necessária, pois sua presença é obrigatória em português.

Ex.: *Ø Dreams Die First*
Os Sonhos Morrem Primeiro

*Ø Violence is one of the most serious problems nowadays*
A violência é um dos problemas mais sérios atualmente

A <u>compensação</u> é necessária quando não se pode reproduzir um recurso estilístico em certo ponto do texto, buscando-se assim, compensar esta carência em outro ponto, tomando-se outro recurso estilístico.

Ex.: "(…) _Get on with you, said the abbess.
_Wh – ysh – ysh – cried Margarita.
_Sh – a –shu – u – shu - - u – sh – aw – said the abbess. (…)"
(A vida e as opiniões do cavaleiro Tristam Shandy. Laurence Sterne)

(...)_Vamos lá, andem, disse a abadessa.
_Psiu – chiu – chiu – chiou Margarita.
_Xô – eia – xô-ô – xô-oô – disse a abadessa. (...)"
(A vida e as opiniões do cavaleiro Tristam Shandy. Tradução de José P. Paes)

A reconstrução de períodos se caracteriza por redividir e posteriormente reagrupar as orações e os períodos do texto original para a tradução. De acordo com Barbosa, muitas vezes é necessário "distribuir as orações complexas do português em períodos mais curtos em inglês. Na tradução do inglês para o português, ocorre o inverso." (BARBOSA, 1990, p. 70)

Ex.: *"O trabalho será desenvolvido em 04 etapas a 1ª etapa do trabalho consta da sensibilização dos professores, nesta etapa cada grupo apresenta relize de seus trabalhos que serão discutidos em reunião com todas às diretoras e professores de educação artística, comunicação e expressão e Estudos Sociais (sic.)".*

*"The work will be developed in four stages. The first is to make teachers aware of the issues. At this stage each group will present an oral summary of their work to be debated at meetings whith the school the school principals, and art, language, and social studies teachers".*

As melhorias, segundo Barbosa, consistem na correção, ao realizar-se a tradução, de erros (gramaticais ou de outra natureza) cometidos nos textos originais. Neste caso, é preciso ressaltar que tal recurso deve ser utilizado quando houver exigências ou necessidades da norma culta da língua, e/ou quando as variações linguísticas entre os diferentes dialetos não forem essenciais ao contexto.

Ex.: *"I have made good judgments in the past. I **have made** good judgments in the future. **[sic]** (frase de G. W. Bush, segundo site http:www.terminologia.com.br/2008/10/08/sic/)*

*"Eu fiz bons julgamentos no passado. **Farei** bons julgamentos no futuro."*

A transferência consiste em introduzir segmentos de texto do original no texto da tradução, podendo assumir as formas abaixo:

a) estrangeirismo: consiste em transferir para o texto traduzido vocábulos ou expressões do texto original que sejam desconhecidos para os falantes da língua a ser traduzida. Deverá aparecer no texto traduzido, entre aspas, em itálico ou sublinhado marcando o itálico.

Ex.: *playboy*

b) transliteração: consiste em substituir uma convenção gráfica por outra. Na tradução entre o inglês e o português normalmente não haverá lugar para este procedimento, uma vez que as duas línguas utilizam o alfabeto romano, mas é o caso do russo, que utiliza o alfabeto cirílico, e a sua conversão para o romano, como vemos a seguir (ALMEIDA, 1992, p.34):

| | | |
|---|---|---|
| Ex.: | СПУТНИК | (original) |
| | CHYTHNK | (tradução grafológica) |
| | SPUTNIK | (transliteração/Inglês) |
| | ESPUTINIQUE | (Português) |

c) aclimatação: é o ajuste de um termo do texto original (empréstimo) para as estruturas fonéticas e gráficas do texto traduzido.

| | | |
|---|---|---|
| Ex.: | *futebol* | (aclimatação de *football*) |
| | *estresse* | (aclimatação de *stress*) |
| | *X-burguer* | (aclimatação de *cheeseburguer*) |

d) transferência com explicação: consiste em utilizar notas de rodapé ou explicações diluídas no texto (entre vírgulas ou travessões, por exemplo, para explicar o significado de um termo estrangeiro).

Ex.: *ICM, the Brazilian Sales tax...*
*Surgeon General – Ministro da Saúde* - ...

A explicação caracteriza-se pela necessidade de eliminar os estrangeirismos do texto de chegada a fim de facilitar a compreensão, podendo substituí-lo pela sua explicação.

Ex.: *... the Brazilian Sales tax…*

*… Ministro da Saúde…*

O decalque consiste em traduzir literalmente sintagmas ou tipos frasais do texto original para o texto traduzido. Existem dois tipos:

a) decalque de tipos frasais

| | | |
|---|---|---|
| Ex: | *task force* | grupo tarefa |
| | *textbook* | livro texto |
| | *case study* | estudo de caso |

b) decalque de tipos frasais ligados a nomes de instituições

Ex:

*INSS* National Institute for Social Welfare

*The People's Republic of China* A República Popular da China

Por fim, a adaptação, de acordo com Barbosa, é aplicada quando toda uma situação do texto original não existe na realidade extralinguística dos falantes do texto traduzido. Assim, é preciso criar uma situação equivalente em substituição, que faça parte do contexto da língua traduzida. Geralmente, as situações de que se falam são típicas de determinado país ou região, tais como alimentos, esportes praticados, carros produzidos, artistas popularmente reconhecidos etc.

Ex.: *A peça **Pigmaleão**, adaptada por Miroel Silveira do original **Pygmalion** de Bernard Shaw, onde os nomes das personagens e toda a ambientação da peça foram recriados com base na cultura brasileira.* (ALMEIDA, 1992, p. 35)

Na próxima seção, apresentaremos a análise dos dados selecionados com base nessa proposta de recaracterização dos procedimentos técnicos da tradução.

### 3.2. Procedimentos técnicos da tradução na edição convencional

Com base na proposta de Barbosa descrita acima, passaremos agora a apresentar os dados resultantes da análise quantitativa dos procedimentos da tradução encontrados em cada uma das edições analisadas. Em seguida, apresentaremos alguns excertos que serão analisados qualitativamente quanto à ocorrência de procedimentos, sejam eles técnicos ou não técnicos. A fim de tornar claro e objetivo o processo de classificação dos procedimentos, utilizaremos siglas que representam os procedimentos técnicos e não técnicos da tradução, conforme quadro apresentado por ALMEIDA (1992) reproduzido abaixo:

| Sigla | Significado |
|---|---|
| PP | Tradução palavra-por-palavra |
| L | Tradução literal |
| Tr | Transposição |
| Mod | Modulação |
| Eq | Equivalência |
| Om | Omissão |
| Ext | Explicitação |
| Com | Compensação |
| RP | Reconstrução de períodos |
| Mel | Melhorias |
| Test | Transferência – Estrangeirismo |
| Ttr | Transferência – Transliteração |
| TAcl | Transferência – Aclimatação |
| TcEXc | Transferência com explicação |
| Exc | Explicação |
| Dec | Decalque |
| Ad | Adaptação |
| PNP | Procedimento não previsto |

Quadro 1 – Siglas utilizadas para aos procedimentos técnicos da tradução.

Primeiramente, apresentamos os resultados obtidos na classificação dos procedimentos verificados na tradução do primeiro capítulo da edição convencional da obra *Wuthering Heights*, que se encontram organizados na seguinte tabela:

| Procedimento | Número de Ocorrências | Frequência de Ocorrência (%) |
|---|---|---|
| PP | 25 | 4,24% |
| L | 265 | 44,99% |
| Tr | 62 | 10,52% |
| Mod | 31 | 5,26% |
| Eq | 59 | 10,01% |
| Om | 33 | 5,68% |
| Ext | 43 | 7,3% |
| Com | 0 | - |
| RP | 7 | 1,18% |
| Mel | 0 | - |
| Test | 3 | 0,5% |
| TTr | 0 | - |
| TAcl | 0 | - |
| TcExc | 1 | 0,16% |
| Exc | 0 | - |
| Dec | 0 | - |
| Ad | 0 | - |
| PNP 1 | 27 | 4,58% |
| PNP 2 | 20 | 3,39% |
| PNP 3 | 4 | 0,67% |
| PNP 4 | 9 | 1,52% |
| **TOTAL** | **589** | **100%** |

Tabela 1 – Procedimentos técnicos da tradução na edição convencional.

Com base na tabela acima, percebemos que a tradução literal apresentou maior número de ocorrências, totalizando 265 casos com uma frequência de ocorrência de 44,99%. Em seguida, o procedimento de transposição foi o mais frequente com 62 ocorrências (10,52%), seguido, respectivamente, pela equivalência com 59 (10,01%), pela explicitação com 43 (7,30%), pela omissão com 33 (5,68%) e pela modulação com 31 ocorrências (5,26%).

Os procedimentos da tradução não previstos por BARBOSA (2004 [1990]), que se convencionalizou chamar de PNP, seguiu uma análise anterior (ALMEIDA, 1992) que detectou esse mesmo tipo de procedimento na tradução de títulos de livros. Na presente análise, o PNP foi dividido em quatro subtipos, de acordo com a natureza do procedimento. Termos e expressões acrescentados à tradução foram tratados como PNP 1. O apagamento de itens lexicais e expressões foram denominados PNP 2. Alterações de sentido de natureza lexical foram classificados como PNP 3 e alterações de ordem sintático-discursiva foram tratados como PNP 4.

Assim, os resultados para esse subgrupo de procedimentos foi: o PNP1 apresentou 27 ocorrências com frequência de (4,58%), o PNP 2 com 20 (3, 39%), o PNP 3 com 4 (0,67) e o PNP 4 com 9 (1,52%).

Com relação aos demais procedimentos classificados por BARBOSA (2004 [1990]) e verificados na edição convencional, temos o procedimento palavra-por-palavra que apresentou 25 ocorrências com frequência de 4,24%, a reconstrução de períodos com 7 ocorrências (1,18%), a transferência – estrangeirismo com 3 ocorrências (0,5%) e a transferência com explicação com apenas 1 ocorrência (0,16%).

Os procedimentos de compensação, melhorias, transferência – transliteração, transferência – aclimatação, explicação, decalque e adaptação não tiveram nenhuma expressividade na presente análise.

Em seguida, passamos para a análise dos procedimentos de tradução identificados na edição bilíngue.

### 3.3. Procedimentos técnicos da tradução na edição bilíngue

Aqui, apresentamos os resultados obtidos na classificação dos procedimentos verificados na tradução do primeiro capítulo da edição bilíngue da referida obra, que se encontram resumidos na tabela abaixo:

| Procedimento | Número de Ocorrências | Frequência de Ocorrência (%) |
|---|---|---|
| PP | 27 | 5,15% |
| L | 258 | 49,23% |
| Tr | 45 | 8,58% |
| Mod | 35 | 6,67% |
| Eq | 42 | 8,07% |
| Om | 41 | 7,82% |
| Ext | 46 | 8,77% |
| Com | 0 | - |
| RP | 1 | 0,19% |
| Mel | 0 | - |
| Test | 0 | - |
| TTr | 0 | - |
| TAcl | 0 | - |
| TcExc | 0 | - |
| Exc | 1 | 0,19 |
| Dec | 0 | - |
| Ad | 0 | - |
| PNP 1 | 8 | 1,52% |
| PNP 2 | 14 | 2,67% |
| PNP 3 | 5 | 0,95% |
| PNP 4 | 1 | 0,19% |
| **TOTAL** | **524** | **100%** |

Tabela 2 – Procedimentos técnicos da tradução na edição bilíngue.

De acordo com a tabela acima, percebemos que a tradução literal também apresentou maior número de ocorrências, totalizando 258 casos com uma frequência de ocorrência de 49,23%. Em seguida, o procedimento de explicitação foi o mais frequente com 46 ocorrências (8,77%), seguido, respectivamente, pela transposição com 45 ocorrências (8,58%), pela equivalência com 42 ocorrências (8,07%), pela omissão com 41 ocorrências (7,82%) e pela modulação com 35 ocorrências (5,26%).

Os resultados do subgrupo de procedimentos não previstos foram: o PNP 1 apresentou 8 casos com frequência de 1,52%, o PNP 2 com 14 ocorrências (2,67%), o PNP 3 com 5 ocorrências (0,95%) e o PNP 4 com apenas 1 ocorrência (0,19%).

Com relação aos demais procedimentos classificados por BARBOSA (2004 [1990]) e verificados na edição bilíngue, temos o procedimento palavra-por-palavra com 27 ocorrências (5,15%) e apenas com 1 ocorrência (0,19%), os procedimentos de reconstrução de períodos e explicação.

Os procedimentos de compensação, melhorias, transferência – estrangeirismo, transferência – transliteração, transferência – aclimatação, decalque e adaptação não tiveram nenhuma expressividade na presente análise.

Agora passaremos à abordagem contrastiva dos procedimentos, apresentando-os sob um viés qualitativo dos dados, através da análise de alguns excertos.

### 3.4. Comparação entre os procedimentos adotados nas edições bilíngue e convencional

Realizada a quantificação dos dados, podemos observar agora a diferença, não tão expressiva, mas relevante, no total de procedimentos entre uma edição e outra. Enquanto a segmentação da tradução do capítulo inicial de *Wuthering Heights* em sua edição convencional totalizou 589 procedimentos, a segmentação na edição bilíngue correspondente totalizou 524 procedimentos.

Analisando mais detalhadamente a ocorrência dos procedimentos em si, pode-se perceber que os mais simples (palavra-por-palavra e literal), nas duas edições, tiveram

resultados bem próximos: 25 e 265 respectivamente, na edição convencional, e 27 e 258 respectivamente, na edição bilíngue. A seguir, alguns exemplos serão apresentados de forma a ilustrar os procedimentos encontrados.[12]

*O:* *"'Mr. Heathcliff?' /I said./"*

*EC:* *"– Sr. Heathcliff? [PP] – [Om] falei [L]."*

*EB:* *"– Senhor Heathcliff [PP]? – eu disse [PP]."*

Conforme BARBOSA (1990), o procedimento palavra por palavra se caracteriza por uma correspondência um-a-um entre os elementos do segmento analisado. A tradução literal, por sua vez, se caracteriza por uma adequação morfossintática entre os elementos do texto original e da tradução, possibilitando o apagamento ou acréscimo de itens. O exemplo a seguir ilustra de forma mais clara esse último procedimento.

*O:* *"Wuthering Heights is the name of Mr. Heathcliff's dwelling."*

*EC:* *"Wuthering Heights é o nome da residência do Sr. Heathcliff [L]."*

*EB:* *"Morro dos Ventos Uivantes é o nome da residência do senhor Heathcliff [L]."*

No segmento acima, houve alterações morfossintáticas de modo a manter o sentido da frase, como, por exemplo, o uso dos artigos definidos "o" e "a", ausentes na estrutura do inglês, além da estruturação sintática equivalente no que diz respeito à ordem dos adjetivos e do caso genitivo do inglês.

Já os procedimentos mais complexos do ponto de vista estrutural, como a transposição, a modulação e a equivalência, também apresentaram ocorrência significativa. Porém, a transposição e a equivalência apresentaram maior expressividade. No caso da edição convencional, houve 62 ocorrências (10,52%) de transposição, enquanto na edição bilíngue, houve 45 ocorrências (8,58%). No caso da modulação, a diferença entre as duas edições não foi tão significativa: 31 ocorrências (5,26%) na edição convencional e 35 ocorrências (6,67%) na edição bilíngue. Com relação à equivalência, o número de ocorrências foi de 59 (10,01%)

[12] A sigla ***O*** corresponde ao texto original, a sigla ***EC*** à edição convencional e a sigla ***EB*** à edição bilíngue.

na edição convencional, comparado com 42 ocorrências (8,07%) na edição bilíngue. Vejamos algumas ocorrências no texto:

*O:* *"'What the devil is the matter?' / he asked, / eyeing me in a manner / that I could ill endure, / after this inhospitable treatment. /"*

*EC:* *"– Que diabo é isso [Eq]? – perguntou ele, olhando-me de maneira que mal pude tolerar, depois do seu [Tr] inóspito tratamento."*

*EB:* *"– Mas que diabos está acontecendo [Eq]? – perguntou ele, olhando-me de um modo que mal pude tolerar, após esse tratamento ríspido."*

De acordo com a classificação de BARBOSA (1990), a transposição caracteriza uma alteração de classe gramatical, embora o sentido original seja mantido. No exemplo acima, extraído da edição convencional, a expressão "*after this inhospitable treatment"* foi traduzida como "*depois do seu inóspito tratamento."*, na qual o pronome demostrativo "*this*" foi substituído pelo pronome possessivo "seu", acompanhado do artigo definido "o". A equivalência por sua vez, constitui-se em uma substituição de toda a expressão por outra que lhe seja funcionalmente equivalente. Na edição convencional, o segmento "*What the devil is the matter?"*, foi traduzido como "*Que diabo é isso?"*, enquanto que na edição bilíngue, a tradução foi "*Mas que diabos está acontecendo?"*, evidenciando a substituição da expressão original por expressões análogas.

Os próximos exemplos ilustram um segundo caso de transposição, desta vez na edição bilíngue, bem como de modulação. Neste último caso, trata-se de um procedimento que mostra uma mudança de perspectiva ou ponto de vista, possibilitando diferentes interpretações do mundo real. Vejamos:

*O:* *"I bowed / and returned the pledge; / beginning to perceive that / it would be foolish to sit sulking for the misbehaviour of a pack of curs;"*

*EC:* *"Curvei-me e retribuí o brinde; começava a compreender que seria loucura continuar zangado por causa da indelicadeza dos cães."*

*EB:* *"Eu me curvei e retribuí o brinde, começando a perceber que seria tolice [Tr] continuar de mau humor por causa do mau comportamento de um bando de cães vira-latas;"*

Na edição bilíngue, a expressão "*it would be foolish"* foi traduzida por *"seria tolice"*, o que mostra que houve uma mudança de categoria gramatical do adjetivo "*foolish*" para o substantivo "*tolice*".

Com relação à modulação, ambas as edições contêm exemplos que ilustram a mudança de ponto de vista. No original, o texto enfatiza a interrupção do movimento ("*stop"*), enquanto que a edição convencional focaliza o meio de acesso ("*degrau*") e a edição bilíngue opta por focalizar a continuidade do movimento ("*passo*"). Vejamos o exemplo:

*O: "One stop brought us into the family sitting-room,"*

*EC: "Um degrau [Mod] nos levou [Mod] à sala de estar da família,"*

*EB: "Um passo [Mod] conduziu-nos [Mod] à sala de estar da família,"*

Outros procedimentos que também tiveram expressividade considerável foram a omissão e a explicitação. A omissão consiste em omitir elementos do texto original que são considerados desnecessários para a tradução. Já a explicitação se dá de forma contrária, por exemplo, no caso do artigo definido do português que não é necessário na estrutura do inglês. Na edição convencional houve 33 ocorrências (5,68%) de omissão, enquanto na edição bilíngue houve 41 ocorrências (7,82%). Já com relação à explicitação, na edição convencional houve 43 ocorrências (7,30%), contra 46 ocorrências (8,77%) na edição bilíngue. Abaixo seguem alguns exemplos que ilustram tais procedimentos.

*O: "I 'never told my love' vocally; (...)"*

*EC: "'[Om] Jamais lhe confessei amor' por palavras; (...)"*

*EB: "– [Om] Nunca verbalizei o meu amor."*

Nesse exemplo, verifica-se a necessidade, tanto na edição convencional quanto na bilíngue, da omissão do pronome pessoal na posição de sujeito, que é prescindível devido à desinência verbal que por si só já caracteriza a pessoa do verbo. Vejamos o caso oposto:

*O: "(...) / reflected splendidly both light and heat from ranks of immense pewter dishes, (...)"*

*EC: "(...) a [Ext] luz e o [Ext] calor se refletiam esplendidamente sobre as [Ext] filas de imensos pratos de peltre, (...)"*

*EB: "(...) a [Ext] luz e o [Ext] calor do fogo [Ext] refletiam-se esplêndidos em fileiras de pratos enormes de peltre, (...)"*

No trecho acima, observa-se a necessidade que houve em ambas as traduções de se explicitar os artigos definidos.

Procedimentos igualmente observados na presente análise, embora não contemplados por BARBOSA (2004 [1990]), são os que se optou por chamar de PNP (procedimento não previsto), seguindo um estudo anterior proposto por ALMEIDA (1992), que versa sobre a tradução de títulos de livros, em que tais procedimentos também foram detectados. Este tipo de procedimento não foi reconhecido por Barbosa e nem por outros teóricos anteriormente, pois não possuem uma padronização fixa de ocorrência, caracterizando-se por acréscimos, apagamentos ou mudanças de sentido, sejam de natureza lexical ou discursiva, conforme explicitado anteriormente no item 3.2.

Retomando os quatro tipos de procedimentos não técnicos verificados nas traduções, temos o PNP 1, que se caracteriza pelo acréscimo de termos e/ou expressões, evidenciando escolhas estilísticas, enquanto o PNP 2 irá se caracterizar pelo apagamento de termos e/ou expressões. O PNP 3 caracteriza-se pela mudança de sentido lexical e o PNP 4 também caracteriza-se pela mudança de sentido, porém de caráter estrutural/discursivo.

Na edição convencional houve 27 ocorrências (4,58%) de PNP 1, 20 ocorrências (3,39%) de PNP 2, 4 ocorrências (0,67%) de PNP 3 e 9 ocorrências (1,52%) de PNP 4. Já na edição bilíngue, houve 8 ocorrências (1,52%) de PNP 1, 14 ocorrências (2,67%) de PNP 2, 5 ocorrências (0,95%) de PNP 3 e somente 1 ocorrência (0,19%) de PNP 4.

Abaixo alguns trechos serão apresentados para a exemplificação desses procedimentos. Aqui, mais uma vez, a edição convencional irá se destacar pela discrepância dos resultados comparados à edição bilíngue.

O exemplo a seguir ilustra a ocorrência de PNP 1, PNP 2 e PNP 3 na edição convencional e PNP 1 e PNP 3 na edição bilíngue.

*O:* *"Mr. Heathcliff and his man climbed the cellar steps with vexatious phlegm: / I don't think they moved one second faster than usual, / though the hearth was an absolute tempest of worrying and yelping."*

*EC:* *"O Sr. Heathcliff e o criado subiram a escada da adega com vexatória flegma: não creio que andassem um segundo mais depressa que o usual, embora ao redor [PNP 1] da lareira lavrasse uma [PNP 2] tempestade de gritos [PNP 3] e ladridos."*

*EB:* *"O senhor Heathcliff e seu empregado subiram os degraus da adega com uma calma desesperadora: penso que não se moveram um segundo mais rápido que o habitual, muito [PNP 1] embora a sala da lareira [PNP 3] estivesse sob um absoluto tumulto de ansiedades e latidos."*

As duas edições optaram por acrescentar algo na tradução do trecho "*though the hearth*", caracterizando assim um PNP 1. Na edição convencional há o acréscimo de "*ao redor*" e na edição bilíngue há o acréscimo de "*muito*". Claramente, são dois termos/expressões que não se fazem necessários na tradução deste trecho, podendo ser caracterizados como escolhas pessoais do tradutor, possivelmente, no intuito de dar um tom mais elaborado ou mais esclarecedor ao texto.

É exatamente o que acontece novamente, no mesmo trecho, só que desta vez através de um caso de PNP 2, em que há omissão do termo *"absolute"* na tradução convencional. Na edição bilíngue o termo foi mantido.

O caso de PNP 3, que constitui uma mudança de sentido lexical, ocorre na edição convencional com a expressão *"tempest of worrying"*, que foi traduzido por "*tempestade de gritos*". E na edição bilíngue, o PNP 3 ocorre no trecho *"the hearth"*, tendo por tradução do dicionário "*lareira*", mas que foi traduzido por "*a sala da lareira*".

O próximo exemplo ilustrará casos de PNP 1 e PNP 4 na edição convencional e de PNP 2 na edição bilíngue.

*O:* *"He'll love and hate equally under cover, / and esteem it a species of impertinence to be loved or hated again."*

*EC:* *"Há de também amar e odiar em segredo, e talvez [PNP 1] receba como uma espécie de impertinência ser por sua vez [PNP 4] amado ou odiado."*

*EB:* *"Ele amaria e odiaria [PNP 2] em segredo, e tomaria como [PNP 2] impertinência ser amado ou odiado por seu turno [PNP 2]."*

No trecho *"and esteem it a species of"*, temos mais um caso de PNP 1 na edição convencional, com a adição do termo "*talvez*". E, em seguida, o trecho "t*o be loved or hated again",* foi traduzido por "*ser por sua vez amado ou odiado*". Temos aqui uma mudança de sentido discursivo, o advérbio "*again*", que indica repetição de ações, foi traduzido pela expressão "*por sua vez*" que indica um encadeamento de ações, evidenciando assim um caso de PNP 4.

Na edição bilíngue, o trecho *"He'll love and hate equally under cover",* foi traduzido por "*Ele amaria e odiaria em segredo",* sendo o termo "*equally*" omitido na tradução, o que constitui um caso de PNP 2.

Finalmente, apresentamos a seguir exemplos que demonstram um caso de PNP 4 na edição convencional e na edição bilíngue.

*O:* *"(...) / still, / if looks have language, / the merest idiot might have guessed / I was over head and ears: (...)"*

*EC:* *"(...) mas [PNP 4], se olhos têm uma linguagem, qualquer idiota veria que eu estava afundado até às orelhas;"*

*EB:* *"No entanto [PNP 4], se os olhos falam , o mais simples dos imbecis poderia ver que eu estava completamente apaixonado."*

As duas edições optaram por modificar o sentido concessivo do conector "*still"* por um sentido contrastivo em suas traduções do referido trecho, selecionando o conector "*mas*" na edição convencional, e o conector "*no entanto*" na edição bilíngue.

Os procedimentos com menor expressividade foram de reconstrução de períodos, transferência (estrangeirismo e com explicação) e explicação. De acordo com BARBOSA (2004 [1990]), a reconstrução de períodos se caracteriza por redividir e posteriormente reagrupar as orações e os períodos do texto original para a tradução, com 7 ocorrências (1,18%) na edição convencional e apenas 1 ocorrência (0,19%) na edição bilíngue.

Abaixo seguem, respectivamente, um caso de reconstrução de períodos na edição convencional e o único caso na edição bilíngue.

O: *"I bowed / and returned the pledge; / beginning to perceive that / it would be foolish to sit sulking for the misbehaviour of a pack of curs; / besides, / I felt loth to yield the fellow further amusement at my expense; / since his humour took that turn."*

EC: *"Curvei-me e retribuí o brinde; começava a compreender que seria loucura continuar zangado por causa da indelicadeza dos cães. Ademais, não queria que aquele camarada continuasse a divertir-se à minha custa, pois evidentemente se divertia [RP]."*

EB: *"Eu me curvei e retribuí o brinde, começando a perceber que seria tolice continuar de mau humor por causa do mau comportamento de um bando de cães vira-latas; além disso, não desejava permitir que o sujeito continuasse a se divertir à minha custa, pois era o que parecia fazer."*

No exemplo acima, originalmente o período destacado é extenso, intercalado por vírgulas ou ponto e vírgula para sinalizar pausas breves. Na tradução convencional, optou-se por realizar uma nova segmentação, utilizando-se de ponto para separar dois grupos de orações.

A seguir, temos o único caso de reconstrução de períodos na edição bilíngue:

O: *"Above the chimney were sundry villainous old guns, and a couple of horse-pistols: / and, / by way of ornament, / three gaudily-painted canisters disposed along its ledge."*

EC: *"Sobre a lareira viam-se umas espingardas velhas e ordinárias e um par de pistolas de arção; e, à moda de ornato, três caixas de chá pintadas de cores alegres, dispostas ao longo do rebordo."*

EB: *"Acima do fogão a lenha havia diversas armas antigas e torpes, e um par de pistolas de arção. À guisa de ornamento, três caixas de cores vivas , dispostas ao largo da prateleira [RP]."*

Nesse caso, houve uma maior variabilidade na pontuação do excerto destacado. Onde o original utilizou dois pontos, recurso tipicamente explicativo, a edição convencional utilizou ponto e vírgula e a edição bilíngue utilizou o ponto, sinalizando pausas distintas.

A transferência – estrangeirismo caracteriza-se pela transcrição de um termo do texto original para o traduzido, quando desconhecido pelos falantes desta língua ou sem correspondência na tradução. Na análise realizada, foram encontradas 3 ocorrências (0,5%) na edição convencional, mas nenhum caso na edição bilíngue. Abaixo, um caso é ilustrado pela seguinte passagem:

*O:* *"'Wuthering' being a significant provincial adjective, / descriptive of the atmospheric tumult / to which its station / is exposed in stormy weather."*

*EC:* *"'Wuthering' [Test] é um provincianismo que descreve o tumulto atmosférico a que este local está sujeito em época de tempestades."*

EB: "'Ventos Uivantes' é um significativo provincianismo que refere-se ao tumulto atmosférico a que este lugar fica exposto no período de tempestades."

O termo *"Wuthering"*, sem corresponde em português, foi mantido pela edição convencional, sendo por isso grafado entre aspas no texto.

Já a transferência com explicação ocorre quando a transferência de um termo do texto original para o texto traduzido é seguida de uma explicação do mesmo, a fim de elucidar ao leitor desta tradução o seu significado. Houve somente 1 ocorrência (0,16%) na edição convencional. A seguir, apresentamos o referido exemplo:

*O:* *"(...) / they call it here 'the house' pre- eminently."*

*EC:* *"(...) chamam aqui a essa peça: "the house" – "a casa [TcExc]" por excelência."*

*EB:* *"(...) eles a denominam 'a casa' predominantemente."*

No exemplo citado, a expressão *"the house"* foi acompanhada de sua explicação na edição convencional, o que não ocorreu na edição bilíngue.

No caso da explicação, houve 1 ocorrência (0,19%) na edição bilíngue que diz respeito à escolha por parte do tradutor em não manter o estrangeirismo, substituindo-o por uma explicação, conforme o exemplo abaixo:

*O:* *"'Wuthering' being a significant provincial adjective, / descriptive of the atmospheric tumult / to which its station / is exposed in stormy weather."*

*EC: "'Wuthering' é um provincianismo que descreve o tumulto atmosférico a que este local está sujeito em época de tempestades."*

*EB: "'Ventos Uivantes' [Exc] é um significativo provincianismo que refere-se ao tumulto atmosférico a que este lugar fica exposto no período de tempestades."*

Os procedimentos que não foram detectados em nenhum segmento da análise proposta foram: compensação, melhorias, transferência – transliteração, transferência – aclimatação, decalque e adaptação.

Passaremos agora à correlação dos resultados aqui obtidos com a reflexão de BERMAN (2013 [1985]) sobre a sistemática de deformação da letra na prosa literária, procurando identificar as tendências deformadoras da letra, elencadas por ele, nos dois capítulos selecionados para análise.

### 3.5. Os procedimentos técnicos da tradução recategorizados por Barbosa à luz das tendências deformadoras de Berman

Apresentaremos, a seguir, alguns excertos referentes às traduções do primeiro capítulo das respectivas edições, convencional e bilíngue, da obra *Wuthering Heights*. Buscamos analisar a relação entre os procedimentos técnicos da tradução recategorizados por BARBOSA (2004 [1990]), de natureza morfossintática, os procedimentos não técnicos de tradução, de natureza estilística, e as tendências deformadoras da letra, propostas por BERMAN (2013 [1985]), que envolvem aspectos retóricos e estilísticos do texto, a fim de traçar alguns pontos de contato.

Conforme observa Berman, muitas das tendências deformadoras verificadas na prosa literária derivam de uma tendência mais geral e ampla de racionalizar o texto traduzido, levando-o de sua "arborescência à sua linearidade" (p. 68). Nos parágrafos que se seguem, buscaremos detalhar as tendências que de certa forma evidenciam essa racionalização. Vejamos um primeiro caso:

*O: Possibly, some people might suspect him of a degree of underbred pride; / I have a sympathetic chord within / that tells me it is nothing of the sort: / I know, / by instinct, / his*

*reserve springs from an aversion to showy displays of feeling - / to manifestations of mutual kindliness.*

*EC: Contudo, uma afinidade secreta me diz que isso não é verdade: sei por instinto que sua reserva emana de uma natural aversão a demonstrações sentimentais, como por exemplo, a troca de gentilezas recíprocas.*

*EB: É possível que algumas pessoas suspeitem nele o orgulho de castas inferiores; mas algo me diz não se tratar disso: eu reconheço, por instinto, seu ímpeto interior, que vai desde a aversão a demonstrar sentimentos a manifestações de gentileza mútuas.*

Observando o excerto acima, percebe-se a presença de elementos que não se encontram explicitados no original, como é o caso dos conectores "*Contudo*" e "*como, por exemplo*," presentes na tradução da edição convencional. Verifica-se aqui, uma tentativa de clarificar o texto, atribuindo-lhe relações contrastivas e exemplificativas que não se encontram no texto original. Em contraposição, a edição bilíngue não se utiliza de tais recursos, apresentando-se mais literal face ao segmento analisado. Porém, na edição bilíngue também se optou por uma clarificação do segmento *"his reserve springs from an aversion to showy displays of feeling - / to manifestations of mutual kindliness"*, em que a pontuação (o travessão) deixou implícita a interpretação se tratava-se de um mesmo tipo de aversão ou de aversões distintas.

Abaixo, temos outro caso que apresenta deformação da letra pela clarificação:

*O: 'Thrushcross Grange is my own, / sir,' / he interrupted, / wincing.*

*EC: "– Thrushcross Grange é propriedade minha – interrompeu o homem, entre melindrado e escarninho".*

*EB: "- A Granja Thrushcross é propriedade minha, senhor – ele interrompeu, retraído".*

Neste excerto, a expressão "*wincing"*, que significa "*retraído*", foi substituída pela expressão "entre melindrado e escarninho" na edição convencional, evidenciando uma escolha interpretativa da tradutora, provavelmente mais pautada nas características de personalidade da personagem do que no teor linguístico do excerto. Percebe-se, dessa forma,

mais uma vez uma tendência de clarificar o texto. Já na edição bilíngue, a tradução se manteve fiel à letra ao selecionar a tradução do termo em questão como "*retraído*".

O exemplo a seguir mostra um caso de empobrecimento qualitativo na tradução:

*O: The 'walk in' was uttered with closed teeth, / and expressed the sentiment, / 'Go to the Deuce:'*

*EC: O "pode entrar" era dito entre dentes e na realidade significava: "Diabos o levem!"*

*EB: O "entre" foi dito com um cerrar de dentes e dava mais a impressão de ser um "Vá para o inferno!".*

Nos exemplos acima, o primeiro segmento sublinhado "*and expressed the sentiment"* foi substituído por expressões funcionalmente equivalentes nas respectivas edições; porém, perdeu-se um pouco de sua carga de expressividade, visto que o original faz uma referência a um sentimento que não foi recuperado na tradução das duas edições: a edição convencional optou por uma estrutura de ênfase "*na realidade significava*", enquanto que a edição bilíngue optou pelo sentido da impressão "*e dava mais a impressão de ser*". Tal caso se aproxima do que Berman qualificou como o empobrecimento qualitativo na tradução.

O segundo segmento destacado "*Go to the deuce!*" trata de uma expressão idiomática que pode ser traduzida de diferentes formas para o português. Na edição convencional, optou-se por uma tradução por modulação, isto é, uma mudança de perspectiva entre "*ir*" e "*levar*", através da expressão "*Diabos o levem!"*, enquanto que, na edição bilíngue, optou-se pela expressão "*Vá para o inferno!"* evidenciando uma equivalência de expressão em termos funcionais. Em ambos os casos, houve uma certa deformação da letra, visto que a expressão também licenciava a tradução mais fiel, como "*Vá para o diabo!*", nesse caso, evidenciando a tendência observada por Berman como sendo a destruição das locuções.

Abaixo, analisaremos um caso no qual a transposição foi tida como facultativa na tradução, causando, também, uma certa deformação da letra:

*O: "the chairs, high-backed, primitive structures, painted green…"*

*EC: "as cadeiras, de estrutura primitiva e espaldar alto, tinham pintura verde;…"*

*EB: as cadeiras, de espaldar alto e estrutura antiga, eram pintadas de verde;...”*

Na passagem acima, o segmento sublinhando “*painted green*” foi traduzido por “*tinham pintura verde*” na edição convencional, confirmando uma transposição facultativa, pois o trecho poderia ter sido traduzido por “eram *pintadas de verde*”, caso em que o verbo “*eram*” sofreu uma elipse em relação ao segmento anterior no original. A tradução da edição bilíngue se ateve mais à letra, respeitando o paralelismo sintático utilizado no original, apesar da repetição. No caso da edição convencional, a deformação se deu na tentativa de evitar a repetição da estrutura, tal como ocorria no original.

No exemplo abaixo, apresentamos um caso de enobrecimento na tradução:

*O: Take a glass of wine?’*

*EC: “Quer um copo de vinho?”*

*EB: “Aceita um copo de vinho?”*

No exemplo apresentado, a expressão “*Take a glass of wine*” apresenta um registro relativamente informal e direto, capturado pela tradução na edição convencional. Na edição bilíngue, porém, optou-se por uma tradução com um registro mais polido ao selecionar a construção com o verbo “*aceitar*”. Nesse sentido, houve deformação da letra na medida em que esse registro entra em choque com o estilo da personagem Heathcliff, cuja descrição evidencia pessoa de modos rústicos e ríspidos. Tal tendência foi descrita por Berman como um enobrecimento na tradução.

A seguir, apresentamos um caso de destruição de ritmos, que segundo Berman, pode ser mais comumente observada na mudança de pontuação de um texto:

*O: When he saw my horse’s breast fairly pushing the barrier, / he did put out his hand to unchain it, / and then sullenly preceded me up the causeway, / calling, / as we entered the court: / ‘Joseph, / take Mr. Lockwood’s horse; / and bring up some wine.’*

*EC: “Quando ele viu que o peito do meu cavalo [L] já [Ext] praticamente empurrava a porteira [L], [Om] [Om] tirou a mão [L] do bolso [Ext] a fim de [L] desprender a corrente, e sem esperar, adiantou-se à minha frente na calçada. Quando entramos no pátio gritou:”*

*EB: "Ao ver meu cavalo avançando tranquilo para a porteira, ele tirou a mão do bolso para tirar a corrente, e então, taciturno, seguiu à frente no caminho chamando, ao entrarmos no pátio: - Joseph, leve o cavalo do senhor Lockwood e traga um pouco de vinho."*

No excerto acima, houve uma alteração na pontuação do período e consequente alteração na ordem das orações na tradução da edição convencional, evidenciando o que BARBOSA (2004[1990]) classificou como reconstrução de períodos. Mais especificamente, as duas últimas orações sofreram uma mudança de ordem em sua apresentação, visto que o original descrevia o chamado anteriormente à entrada no pátio. Na edição convencional, a entrada se dá anteriormente ao chamado, enquanto que na edição bilíngue a ordem das duas ações manteve-se fiel à do original. Tal alteração indica uma ruptura no encadeamento das ações descritas, indo ao encontro do que Berman denominou destruição de ritmos.

No exemplo a seguir, apresentamos um caso de destruição das redes de significantes subjacentes, que, na reflexão de Berman sobre a prosa literária, ocorre na mudança de traços característicos do estilo do autor, como sua rítmica e significância das palavras:

*O: One end, / indeed, / reflected splendidly both light and heat from ranks of immense pewter dishes, / interspersed with silver jugs and tankards, / towering row after row, / on a vast oak dresser, / to the very roof. / The latter had never been under-drawn: / its entire anatomy lay bare to an inquiring eye, / except where a frame of wood laden with oatcakes and clusters of legs of beef, mutton, and ham, concealed it. /Above the chimney were sundry villainous old guns, and a couple of horse-pistols: / <u>and, / by way of ornament, / three gaudily-painted canisters disposed along its ledge</u>.*

*EC: Mas, a um canto, a luz e o calor se refletiam esplendidamente sobre as filas de imensos pratos de peltre, intercalados com pincheis e jarros de prata, enchendo prateleira sobre prateleira, até o teto, num vasto aparador de carvalho. Por falar em teto, creio que o daquela sala jamais fora pintado: sua anatomia completa exibia-se nua ao olhar curioso, exceto num trecho onde o escondia um paiol de madeira, carregado de bolos de aveia, de pernis de vaca e carneiro, e de presuntos. Sobre a lareira viam-se umas espingardas velhas e ordinárias e um par de pistolas de arção; <u>e, à moda de ornato, três caixas de chá pintadas de cores alegres, dispostas ao longo do rebordo.</u>*

*EB: Em um dos cantos da sala, na verdade, a luz e o calor do fogo refletiam-se esplêndidos em fileiras de pratos enormes de peltre, entremeados por jarros de prata e canecas, elevados fileira após fileira, em um imenso aparador de carvalho, até o teto. Este nunca recebera acabamento: toda a sua anatomia expunha-se a olhares observadores, exceto onde uma estrutura de madeira abarrotada de bolos de aveia e montes de pernis bovinos, carne de carneiro e presunto a ocultavam. Acima do fogão a lenha havia diversas armas antigas e torpes, e um par de pistolas de arção. À guisa de ornamento, três caixas de cores vivas, dispostas ao largo da prateleira.*

No segmento apresentado acima, temos um caso de omissão de uma expressão na tradução da edição bilíngue, já que no original há uma eloquente descrição dos alimentos e objetos dispostos no cômodo da casa. Porém o trecho "*three gaudily-painted canisters*" não foi contemplado na tradução da edição bilíngue, que omitiu o trecho "*três caixas de chá*". A edição convencional, por sua vez, manteve essa descrição criteriosa, sendo mais fiel à letra. Com isso, houve uma quebra na rede de significantes relacionados aos alimentos, bebidas e objetos descritos. Para Berman, tal ruptura constitui uma destruição das redes de significantes subjacentes, e o tradutor deve estar muito atento a essa rede, pois, isoladamente, essas palavras podem não ser significativas, mas fornecem uma uniformidade e sentido subjacentes a ela.

Por fim, apresentamos um caso de destruição dos sistematismos, que reflete os tipos de frases e construções utilizadas pelo escritor em sua prosa, dando-lhes um tom estilístico característico:

*O: While enjoying a month of fine weather at the sea-coast, / I was thrown into the company of a most fascinating creature: / a real goddess in my eyes, / as long as she took no notice of me.*

*EC: Passava eu um mês de tempo bonito à beira-mar e vi-me, então, arrebatado pela mais fascinante das criaturas: era aos meus olhos uma deusa enquanto não reparou em mim.*

*EB: Enquanto usufruía um mês de tempo bom à beira-mar, fui lançado à companhia de uma criatura das mais fascinantes: uma verdadeira deusa aos meus olhos, enquanto não reparou em mim.*

No excerto acima, a descrição do passeio se apresenta concomitante com o encontro, evidenciados pelo uso do conector temporal de simultaneidade "*while*". Já na tradução da edição convencional, o encontro é apresentado como consecutivo ao período de estada, o que se verifica pelo uso do conector de adição "*e*". A edição bilíngue, por sua vez, mantém a simultaneidade expressa pelo original ao selecionar o conector "*enquanto*". Como a diferença reside no aspecto sintático-discursivo do texto, tal procedimento vai ao encontro do que Berman definiu como destruição dos sistematismos, em que determinados tipos de frases e construções são alterados a fim de se criar uma racionalização ou homogeneização do texto.

Ao fim dessa análise, percebemos que determinados procedimentos técnicos da tradução, tal como descritos por BARBOSA (2004[1990]), bem como os procedimentos alheios a qualquer tipo de categorização prévia, evidenciam tendências deformadoras da prosa literária, segundo a visão de BERMAN (2013[1985]), na medida em que podemos perceber uma estreita relação entre certos tipos de procedimentos, técnicos ou não, e tendências que racionalizam, alongam, clarificam, homogeneízam e, consequentemente, deformam a letra do original de alguma forma.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação à análise implementada neste trabalho, pudemos chegar a algumas conclusões com base nos dados analisados.

No tocante à análise dos procedimentos técnicos de tradução, segundo a proposta de BARBOSA (2004 [1990]), percebemos que a tradução literal foi o procedimento mais recorrente, tanto na tradução da edição convencional quanto na tradução da edição bilíngue, embora esta última tenha apresentando uma frequência de ocorrência um pouco superior à edição convencional, o que corrobora a hipótese de que a edição bilíngue prima por uma tradução mais literal do texto, talvez pela sua relação de contiguidade com o original, visto que o texto original e o traduzido são apresentados em um único volume, algumas vezes lado a lado.

Os procedimentos de transposição e equivalência, que revelam uma menor uniformidade estrutural entre original e tradução, tiveram uma expressividade um pouco superior na tradução da edição convencional, evidenciando uma maior reelaboração do texto na tradução, o que pode ser explicado por uma preocupação em embelezar o texto, criando efeitos estilísticos distintos do texto original.

Da mesma forma, a ocorrência de procedimentos não técnicos de tradução, que se caracterizaram por acréscimos, apagamentos ou mudanças de sentido, foi mais frequente na tradução da edição convencional, corroborando a constatação de que, nessa edição, houve uma maior preocupação com a estetização da obra traduzida.

No que diz respeito à análise das tendências deformadoras da letra, segundo a visão de BERMAN (2013 [1985]), pudemos perceber que os procedimentos técnicos de tradução que revelam um distanciamento do original em termos de forma, perspectiva e função, quais sejam, a transposição, a modulação e a equivalência, quando facultativos, podem ser explicados por uma tentativa por parte do tradutor em embelezar o texto, criando efeitos estilísticos que não encontram correspondência no texto original.

Além disso, o fato de ter havido uma certa ocorrência de procedimentos não técnicos de tradução, que se mostrou superior na edição convencional, revela que acréscimos, apagamentos e mudanças de sentido, seja de ordem lexical ou discursiva, vão ao encontro das

tendências deformadoras da letra mapeadas por Berman, na medida em que expressam tentativas por parte do tradutor de racionalizar o texto traduzido, alongando e clarificando, enobrecendo ou empobrecendo a tradução, ou mesmo destruindo suas redes de significantes, de locuções, ou de sistematismos, tão caros ao estilo do autor.

A análise quantitativa com relação aos procedimentos de tradução revelou uma maior literalidade na tradução da edição bilíngue, tornando-a mais estrangeirizante, na medida em que apresentou um maior grau de proximidade com o texto fonte. A tradução na edição convencional, apesar de uma ocorrência expressiva de procedimentos de tradução literal, apresentou também procedimentos desviantes da fidelidade ao texto de partida. Tal constatação não nos permite, porém, afirmar que a tradução da edição convencional tenha sido totalmente domesticante. Pelo contrário, a análise qualitativa mostrou que ambas as traduções nas duas edições contempladas apresentaram, em uma certa medida, uma deformação da letra original.

Finalmente, levando-se em conta que o presente trabalho é uma análise por amostragem do que pode ocorrer no processo tradutório de obras literárias, gostaríamos de enfatizar que o presente estudo teve por objetivo contribuir tanto para a pesquisa sobre a aplicabilidade dos procedimentos de tradução categorizados por Barbosa, quanto para a viabilidade de análises com base na proposta de uma sistemática de deformação da letra, tal como defendida por Berman. Neste sentido, o presente estudo espera ter contribuído com um primeiro passo para estimular análises futuras em prol de uma definição de parâmetros de correlação entre as duas abordagens, que a nosso ver, exibem importantes pontos de contato.

## REFERÊNCIAS


ALMEIDA, S. A. F. **A tradução de títulos de livros**. Monografia do curso de Bachareladoem Letras: ênfase em tradução – inglês. UFJF, 1º semestre, 1992. (mimeo)

ALVES, F. Unidades de tradução: o que são e como operá-las. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. **Traduzir com autonomia:** estratégias para o tradutor em formação. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

AUBERT, F. H. Etapas do ato tradutório. In: **Tradução e comunicação:** revista brasileira de tradutores. Volume 1, número 1. São Paulo: Editora Álamo, 1981.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves, WYLER, Lia. Brazilian Tradition: In: BAKER, Mona (ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London, New York: Routledge, 1998. p.326-333.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução:** Uma nova proposta. 2ª ed. Campinas, SP. Pontes, 2004.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução Marie-Hélène C. Torres et al.. 2ª ed. – Tubarão: Copiart; Florianópolis, 2013.

BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. Tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Landmark, 2007.

_____. **O morro dos ventos uivantes**. Tradução de Raquel de Queiroz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BURGESS, Anthony. **English Literature**. London: Longman, 1974.

CATFORD, John Cunnison. **Uma teoria linguística da tradução**. São Paulo: Cultrix, 1980.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacque Derrida a falar de hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. Poetics Today**. 11:1 (1990), p. 45-51. Disponível em http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf, acessado em 20 nov. 2012.

_____. **A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário**. Tradução de Leandro de Ávila Braga, UFRGS [1990].

HERMANS, Theo. Translation Studies and a New Paradigm. In: ---, **The Manipulation of Literature:** Studies in Literary Translation. London & Sydney: Croom Helm, 1985. p.7-15.

LEFEVERE, André. Prewrite. In:---. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. London, New York: Routledge, 1992. p.1-10.

_____. The System: Patronage. In:---. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. London, New York: Routledge, 1992. p.11-25.

_____. Pré-escrever. In:---. **Tradução, reescritura e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC,2007. p.13-27.

_____. O sistema: mecenato. In:---. **Tradução, reescritura e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007. p.29-49.

NEWMARK, Peter**. Aprroaches to translation**. Oxford: Pergamon Press, 1982.

NIDA, Eugene A. , TABER, Charles R. **The theory and practice of translation**. Leiden: E.J. Brill, 1974.

OLIVEIRA, M. C. C. et al. **Traduções literárias**: jogos de poder entre culturas assimétricas. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002. CD-ROM (III Semana do Professor do ICHL)

PAES, José Paulo. **Tradução:** a ponte necessária. São Paulo: Ática, 1990.

VÁZQUEZ-AYORA, Gerardo. **Introducción a la traductologia**. Washington: Georgetown University Press, 1977.

VENUTI, Lawrence Invisibility. In:---. **The Translator's Invisibility:** A History of Translation. London, New York: Routledge, 1995. p. 1-42.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/O_morro_dos_ventos_uivantes>. Acessado em 11 de jul. 2014.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Emily_Bront%C3%AB>. Acessado em 11 de jul. 2014.

Dicionário online da língua portuguesa *Caldas Aulete*, disponível em http://aulete.uol.com.br/. Acessado em 11 jul. 2014.

Dicionário online da língua portuguesa *Michaelis*, disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>. Acessado em 11 jul. 2014.

## ANEXOS

**Anexo 1 -** Primeiro capítulo da obra *Wuthering Heights* - Original

**Chapter 1**

1801. –

I have just returned from a visit to my landlord / - the solitary neighbor / that I shall be troubled with. / This is certainly a beautiful country! / In all England, / I do not believe that / I could have fixed on a situation so completely removed from the stir of society./ A perfect misanthropist's heaven: / and Mr. Heathcliff and I are such a suitable pair to divide the desolation between us. / A capital fellow! / He little imagined / how my heart warmed towards him / when I beheld his black eyes withdraw so suspiciously under their brows, / as I rode up, / and when his fingers sheltered themselves, / with a jealous resolution, / still further in his waistcoat, / as I announced my name./

'Mr. Heathcliff?' /I said./

A nod was the answer. /

'Mr. Lockwood, / your new tenant, /sir./ I do myself the honour of calling / as soon as possible after my arrival, / to express the hope that / I have not inconvenienced you by my perseverance in soliciting the occupation of Thrushcross Grange: / I heard yesterday you had had some thoughts…'/

'Thrushcross Grange is my own, / sir,' / he interrupted, / wincing. / 'I should not allow any one to inconvenience me, / if I could hinder it/ … walk in!'/

The 'walk in' was uttered with closed teeth, / and expressed the sentiment, / 'Go to the Deuce:' / even the gate / over which he leant / manifested no sympathising movement to the words; /and I think that / circumstance determined me to accept the invitation: / I felt interested in a man / who seemed more exaggeratedly reserved than myself. /

When he saw my horse's breast fairly pushing the barrier, / he did put out his hand to unchain it, / and then sullenly preceded me up the causeway, / calling, / as we entered the court: / 'Joseph, / take Mr. Lockwood's horse; / and bring up some wine.'/

'Here we have the whole establishment of domestics, / I suppose,'/ was the reflection suggested by this compound order. / 'No wonder the grass grows up between the flags, / and cattle are the only hedge- cutters.' /

Joseph was an elderly, / nay, / an old man: / very old, / perhaps, / though hale and sinewy. / 'The Lord help us!' / he soliloquised in an undertone of peevish displeasure, / while relieving me of my horse: / looking, / meantime, / in my face so sourly that / I charitably conjectured / he must have need of divine aid to digest his dinner, / and his pious ejaculation had no reference to my unexpected advent. /

Wuthering Heights is the name of Mr. Heathcliff's dwelling. / 'Wuthering' being a significant provincial adjective, / descriptive of the atmospheric tumult / to which its station / is exposed in stormy weather. / Pure, bracing ventilation they must have up there at all times, / indeed: / one may guess the power of the north wind blowing over the edge, / by the excessive slant of a few stunted firs at the end of the house; / and by a range of gaunt thorns all stretching their limbs one way, / as if craving alms of the sun. / Happily, / the architect had foresight to build it strong: / the narrow windows are deeply set in the wall, / and the corners defended with large jutting stones. /

Before passing the threshold, / I paused to admire a quantity of grotesque carving lavished over the front, / and especially about the principal door; / above which, / among a wilderness of crumbling griffins and shameless little boys, / I detected the date '1500,'/ and the name 'Hareton Earnshaw.' / I would have made a few comments, / and requested a short history of the place from the surly owner; / but his attitude at the door appeared to demand my speedy entrance, / or complete departure, / and I had no desire to aggravate his impatience / previous to inspecting the penetralium. /

One stop brought us into the family sitting-room, / without any introductory lobby or passage: / they call it here 'the house' pre- eminently. / It includes kitchen and parlour, / generally; / but I believe at Wuthering Heights the kitchen is forced to retreat altogether into another quarter: / at least I distinguished a chatter of tongues, / and a clatter of culinary utensils, / deep within; / and I observed no signs of roasting, boiling, or baking, about the huge fireplace; / nor any glitter of copper saucepans and tin cullenders on the walls./ One end, / indeed, / reflected splendidly both light and heat from ranks of immense pewter dishes, / interspersed with silver jugs and tankards, / towering row after row, / on a vast oak dresser, / to the very roof. / The latter had never been under-drawn: / its entire anatomy lay bare to an inquiring eye, / except where a frame of wood laden with oatcakes and clusters of legs of beef, mutton, and ham, concealed it. / Above the chimney were sundry villainous old guns, and a couple of horse-pistols: / and, / by way of ornament, / three gaudily-painted canisters disposed along its ledge. / The floor was of smooth, white stone; / the chairs, high-backed,

primitive structures, painted green: / one or two heavy black ones lurking in the shade. / In an arch under the dresser reposed a huge, liver-coloured bitch pointer, / surrounded by a swarm of squealing puppies; / and other dogs haunted other recesses. /

The apartment and furniture would have been nothing extraordinary / as belonging to a homely, northern farmer, with a stubborn countenance, and stalwart limbs set out to advantage in knee- breeches and gaiters. / Such an individual seated in his arm-chair, / his mug of ale frothing on the round table before him, / is to be seen in any circuit of five or six miles among these hills, / if you go at the right time after dinner. / But Mr. Heathcliff forms a singular contrast to his abode and style of living. / He is a dark- skinned gipsy in aspect, / in dress and manners a gentleman: / that is, / as much a gentleman as many a country squire: / rather slovenly, / perhaps, / yet not looking amiss with his negligence, / because he has an erect and handsome figure; / and rather morose. / Possibly, some people might suspect him of a degree of underbred pride; / I have a sympathetic chord within / that tells me it is nothing of the sort: / I know, / by instinct, / his reserve springs from an aversion to showy displays of feeling - / to manifestations of mutual kindliness. / He'll love and hate equally under cover, / and esteem it a species of impertinence to be loved or hated again. / No, / I'm running on too fast: / I bestow my own attributes over liberally on him. / Mr. Heathcliff may have entirely dissimilar reasons / for keeping his hand out of the way / when he meets a would-be acquaintance, / to those which actuate me. / Let me hope my constitution is almost peculiar: / my dear mother used to say / I should never have a comfortable home; / and only last summer I proved myself perfectly unworthy of one. /

While enjoying a month of fine weather at the sea-coast, / I was thrown into the company of a most fascinating creature: / a real goddess in my eyes, / as long as she took no notice of me. / I 'never told my love' vocally; / still, / if looks have language, / the merest idiot might have guessed / I was over head and ears: / she understood me at last, / and looked a return – / the sweetest of all imaginable looks. / And what did I do? / I confess it with shame – / shrunk icily into myself, / like a snail; / at every glance retired colder and farther; / till finally the poor innocent was led to doubt her own senses, / and, / overwhelmed with confusion at her supposed mistake, / persuaded her mamma to decamp. / By this curious turn of disposition / I have gained the reputation of deliberate heartlessness; / how underserved, / I alone can appreciate. /

I took a seat at the end of the hearthstone opposite that / towards which my landlord advanced, / and filled up an interval of silence / by attempting to caress the canine mother, /

who had left her nursery, / and was sneaking wolfishly to the back of my legs, / her lip curled up, / and her white teeth watering for a snatch. / My caress provoked a long, guttural snarl. /

'You'd better let the dog alone,' / growled Mr. Heathcliff in unison, / checking fiercer demonstrations with a punch of his foot. / 'She's not accustomed to be spoiled - not kept for a pet.' / Then, / striding to a side door, / he shouted again, / 'Joseph!' /

Joseph mumbled indistinctly in the depths of the cellar, / but gave no intimation of ascending; / so his master dived down to him, / leaving me vis-a-vis the ruffianly bitch and a pair of grim shaggy sheep-dogs, / who shared with her a jealous guardianship over all my movements. / Not anxious to come in contact with their fangs, / I sat still; / but, / imagining they would scarcely understand tacit insults, / I unfortunately indulged in winking and making faces at the trio, / and some turn of my physiognomy so irritated madam, / that she suddenly broke into a fury / and leapt on my knees. / I flung her back, / and hastened to interpose the table between us. / This proceeding aroused the whole hive: / half-a-dozen four-footed fiends, / of various sizes and ages, / issued from hidden dens to the common centre. / I felt my heels and coat-laps peculiar subjects of assault; / and parrying off the larger combatants / as effectually as I could with the poker, / I was constrained to demand, / aloud, / assistance from some of the household in re-establishing peace. /

Mr. Heathcliff and his man climbed the cellar steps with vexatious phlegm: / I don't think they moved one second faster than usual, / though the hearth was an absolute tempest of worrying and yelping. / Happily, / an inhabitant of the kitchen made more dispatch: / a lusty dame, with tucked-up gown, bare arms, and fire-flushed cheeks, rushed into the midst of us / flourishing a frying-pan: / and used that weapon, / and her tongue, / to such purpose, / that the storm subsided magically, / and she only remained, / heaving like a sea after a high wind, / when her master entered on the scene. / 'What the devil is the matter?' / he asked, / eyeing me in a manner / that I could ill endure, / after this inhospitable treatment. /

'What the devil, / indeed!' / I muttered. / 'The herd of possessed swine could have had no worse spirits in them / than those animals of yours, / sir. / You might as well leave a stranger with a brood of tigers!' /

'They won't meddle with persons / who touch nothing,' / he remarked, / putting the bottle before me, / and restoring the displaced table. / 'The dogs do right to be vigilant. / Take a glass of wine?' /

'No, / thank you.' /

'Not bitten, / are you?' /

‘If I had been, / I would have set my signet on the biter.’ /

Heathcliff’s countenance relaxed into a grin. /

‘Come, / come,’ / he said, / ‘you are flurried, / Mr. Lockwood. / Here, / take a little wine. / Guests are so exceedingly rare in this house that / I and my dogs, / I am willing to own, / hardly know how to receive them. / ‘Your health, sir?’ /

I bowed / and returned the pledge; / beginning to perceive that / it would be foolish to sit sulking for the misbehaviour of a pack of curs; / besides, / I felt loth to yield the fellow further amusement at my expense; / since his humour took that turn. / He - / probably swayed by prudential consideration of the folly of offending a good tenant - / relaxed a little in the laconic style of chipping off his pronouns and auxiliary verbs, / and introduced what he supposed would be a subject of interest to me - / a discourse on the advantages and disadvantages of my present place of retirement. / I found him very intelligent on the topics we touched; / and before I went home, / I was encouraged so far as to volunteer another visit to-morrow. / He evidently wished no repetition of my intrusion. / I shall go, / notwithstanding. / It is astonishing / how sociable I feel myself compared with him. /

**Anexo 2 -** Primeiro capítulo da obra *Wuthering Heights* – edição convencional

**Capítulo Um**

1801

[Om] Acabo de [Tr] voltar de uma visita ao meu senhorio [L], o único vizinho [PP] de quem posso recear inquietações [L]. Pois [PNP1] na verdade isto aqui [PNP 1] é uma terra linda [L]! [Om] Creio que [Mod] na Inglaterra inteira [L] não descobriria local [Eq] mais inteiramente [L] afastado do bulício social [Tr]: é [PNP1] o [Tr] [PNP 2] paraíso dos misantropos [L]. E o Sr. Heathcliff e eu somos [L] [PNP 2] o [Tr] par adequado para entre nós dividirmos esta solidão [L]. Sujeito notável [Eq]! Nem adivinhou decerto o impulso de simpatia [Eq] que por ele senti [Eq] quando [PP], ao avançar o cavalo [Eq], vi-lhe os olhos pretos [L] recuando [Om] suspeitosos [Tr] por [Ext] sob o cenho fechado [L], ou quando afundou ainda mais no colete os dedos [Mod] desconfiados e resolutos [Tr], ao anúncio [Tr] do [Ext] meu nome [L].

– Sr. Heathcliff? [PP] – [Om] falei [L].

Com um gesto de cabeça concordou que [Eq] era Heathcliff [Eq].

– Sou [Ext] [Om] Lockwood, o [PNP 1] seu novo inquilino [L] [PNP 2]. Tomei a liberdade de visitá-lo [Eq] logo que pude [Eq], após minha chegada [PP]; queria [PNP 1] lhe exprimir [L] minha [Tr] esperança de não o haver importunado [L] muito [PNP 1], insistindo [Tr] no arrendamento [Eq] de Thrushcross Grange [PP]: ontem ouvi dizer [Ext] que o senhor [L] tencionava [Tr]...

– Thrushcross Grange é [L] propriedade [Tr] minha [L][PNP 2] – interrompeu [L] o homem [Tr], entre melindrado e escarninho [Eq]. – Jamais permito [Mod] que [Ext] ninguém me importune [L], quando [Mod] [Om] posso impedir [L] [Om]... Pode entrar [Eq]!

O "pode entrar" era dito entre dentes [Eq] e na realidade significava [Eq]: "Diabos o levem [Mod]!" Até mesmo o portão [L] sobre o qual se [Ext] reclinava [L] não se moveu em concordância com as palavras [Eq]. [Om] Creio que [Ext] foi esta a circunstância [L] que [Ext] me fez aceitar o convite [L] [RP]: senti-me interessado por um homem [L] que parecia ainda [Ext] mais exageradamente reservado do [Ext] que eu [L] [Om].

Quando ele viu [PP] que [Ext] o peito do meu cavalo [L] já [Ext] praticamente empurrava a porteira [L], [Om] [Om] tirou a mão [L] do bolso [Ext] a fim de [L] desprender a corrente [Tr], e [PNP 2] sem esperar [Eq], adiantou-se à minha frente na [Ext] calçada [L]. Quando entramos no pátio gritou [L] [RP]:

– Joseph, leve o cavalo do Sr. Lockwood [L]. E sirva[Eq]-nos [Ext] um pouco de vinho [L] [RP].

“Joseph representa todo o pessoal doméstico [Eq]” [PNP 2], foi a reflexão [L] que [Ext] me sugeriu [Mod] aquela dupla ordem [L]. “Não admira [L] que [Ext] o capim cresça entre as lajes [L] e o gado seja o encarregado único de aparar as sebes [Eq].”

Joseph era homem idoso [Tr], ou antes [L], um velho [Tr]: bem velho [PP], talvez [PP], apesar de sadio e robusto [L].

– Valha-nos Deus [Eq]! – resmungou ele num tom de impaciência e desagrado [Eq], enquanto [L] me livrava do cavalo [Tr] [L]; e [Tr] me olhava com tanto azedume [L] que [Om] caridosamente conjeturei [L] andar [PNP 1] o pobre velho muito carecido [Tr] de auxílio divino [L] para dirigir [PNP 3] o [Tr] jantar [L]; decerto [PNP 1] a piedosa jaculatória nada tinha a ver com a minha inesperada aparição [L].

Wuthering Heights é o nome da residência do Sr. Heathcliff [L]. “Wuthering” [Test] é um [L] provincianismo [Tr] que [Ext] descreve [Tr] o tumulto atmosférico [L] a que este local está sujeito em época de tempestades [Eq] [L]. E com efeito ali em cima deve haver [L], em qualquer tempo [L], ventilação pura e salubre [L]. Pode-se fazer uma ideia [Eq] da força do vento norte [L] [PNP 2] naquelas alturas [Eq] pela curvatura excessiva dos poucos e raquíticos abetos nos fundos da casa [L] e por uma fila de magros espinheiros de ramos [Om] estirados para [Ext] um lado só [Ext] [L], como se implorassem uma esmola do sol [L]. Felizmente [PP], o arquiteto [PP], prevendo [L] as ventanias [Ext], fizera obra segura [Eq]: as janelas estritas ficavam profundamente enterradas na parede [L] e os cantos eram [Ext] protegidos por amplos cunhais de pedra [L].

Antes de [Ext] atravessar o umbral [L] detive-me [L], a fim de admirar algumas [Tr] esculturas de lavra grotesca [L], espalhadas [Tr] na fachada [L], especialmente em torno da porta principal [L]; sobre esta [PP], entre um emaranhado de grifos e meninos impudicos [L], [Om] localizei uma [Tr] data [L] – “1500” – e um [Tr] nome “Hareton Earnshaw” [L]. Por meu gosto [PNP 1], teria feito alguns comentários [L] e pedido um resumo da história daquela [Tr] residência ao seu áspero proprietário [L], mas a atitude do homem [Tr] [L], à porta [PP], visivelmente [Tr] exigia [L] que eu entrasse sem demora [Tr] [L], ou me fosse de uma vez [Tr]; e eu não queria [Tr] lhe agravar a [Tr] impaciência [L] antes de inspecionar o interior da casa [L].

Um degrau [Mod] nos levou [Mod] à sala de estar da família [L], sem o intermédio [Tr] de um vestíbulo [L] ou de um [Ext] corredor [L]; chamam aqui a essa peça [Tr] [L]: “the

house [TcExc]" – "a casa" por excelência [L]. Em geral [L], serve ao mesmo tempo [Mod] de cozinha e sala de visitas [L]: em [PNP 2] Wuthering Heights, contudo [PP], a cozinha fora forçada a recuar para outro sítio [L]: pelo menos [Om] escutei [L] um rumor de conversa [Eq] e um tilintar de utensílios culinários [L], lá dentro [Eq]; e não descobri nenhum sinal de [L] que na grande lareira da "casa" se assava [Ext] [L], fervia[L]-se[Ext] ou cozia-se pão [Ext] [L]; nas paredes não luziam [Tr] caçarolas de cobre nem escumadeiras de estanho [L]. Mas [Mod], a um canto [Eq], a [Ext] luz e o [Ext] calor se refletiam esplendidamente [Mod] sobre as [Ext] filas de imensos pratos de peltre [L], intercalados com pincheis e jarros de prata [L], enchendo [Tr] prateleira sobre prateleira [L], até o teto [L], num vasto aparador de carvalho [L]. Por falar em teto [Eq], creio que [PNP 1] o daquela sala jamais fora pintado [PNP 1]: sua anatomia completa exibia-se nua ao olhar curioso [L], exceto [L] num trecho [PNP 1] onde o escondia [PNP 1] um paiol de madeira [L], carregado de bolos de aveia [L], de [PNP 2] pernis de vaca e carneiro [L], e de presuntos [L]. Sobre a lareira [Eq] viam-se [Mod] umas espingardas velhas e ordinárias [L] e um par de pistolas de arção [L]; e [PP], à moda de ornato [L], três caixas de chá pintadas de cores alegres [L], dispostas ao longo do rebordo [L]. O piso era de pedra branca polida [L]; as cadeiras [PP], de estrutura primitiva e espaldar alto [L], tinham pintura [Tr] verde [L]; uma ou duas poltronas [Tr] [L], negras e pesadas [L], ocultavam-se na sombra [L]. Na abóboda formada [PNP 1] ao pé do aparador descansava uma grande cadela perdigueira [L], azeitonada [Eq], rodeada por uma ninhada de cachorrinhos que ganiam [L]; outros cães povoavam [Mod] os demais recantos [L].

A sala e o mobiliário nada teriam [Mod] de extraordinário [L] se [PNP 4] pertencessem a um singelo rendeiro do norte [Eq], de cara rústica [PNP 3] e membros rijos [L], realçados pelos calções curtos e as polainas [Mod]. Mais de um homem desses [PNP 4], sentado em sua cadeira de braços [L], a caneca de cerveja escumando na mesa redonda defronte de si [L], é fácil encontrar [Eq] ao [Om] derredor de cinco ou seis milhas por [Ext] entre aquelas colinas [L], se a gente os procura logo depois do jantar [Eq]. Mas o Sr. Heathcliff forma um contraste singular com o seu ambiente [L] e o seu modo de vida [L]. De cara [L], é moreno como um cigano [L]; nas roupas e nas maneiras é [Ext] um *gentleman* [Test] [L] – isto é [L], tão *gentleman* [Test] quanto qualquer dos nossos fidalgos rurais [L]: [PNP 2] negligente [L], talvez [PP], embora essa negligência seja compensada pela sua bela e elegante figura [Eq]; mas [PNP 4] muito taciturno [L]. Haverá quem lhe impute certo grau de orgulho rústico [Mod]. Contudo [PNP 1], [PNP 2] uma afinidade secreta [Eq] me diz [L] que isso não é verdade [Eq]: [Om] sei por instinto que [Ext] sua reserva emana de uma natural

aversão a demonstrações sentimentais [L], como por exemplo [PNP 1] a troca [PNP 3] de gentilezas recíprocas [L] [RP]. [Om] Há de também amar e odiar em segredo [L], e talvez [PNP 1] receba como [Mod] uma espécie de impertinência ser por sua vez [PNP 4] amado ou odiado [L]. Não [PP], estou indo muito depressa [L]: empresto-lhe liberalmente atributos que são meus [L]. O Sr. Heathcliff pode ter razões inteiramente diversas [L] das minhas [PNP 1] para esconder a mão [Eq] quando encontra um suposto conhecido [L]. Deixai-me crer [Mod] que a minha constituição é quase especial [L]: minha querida mãe sempre dizia [L] que eu jamais seria dono [Tr] de um lar confortável [L]; mas [PNP 4] só no verão passado convenci-me [L] de que [Ext] não merecia [Tr] realmente [L] ter um lar [Tr].

Passava eu um mês de tempo bonito à beira-mar [PNP 4] [L] e vi-me [Mod], então [PNP 1], arrebatado [Mod] pela mais fascinante das criaturas [L]: era [Ext] aos meus olhos uma [PNP 2] deusa enquanto não reparou em mim [L]. "[Om] Jamais lhe confessei amor" por palavras [Tr] [L]; mas [PNP 4], se olhos têm uma linguagem [L], qualquer [Tr] idiota [L] veria [Mod] que [Ext] eu estava afundado até às orelhas [Eq]; ela afinal me entendeu [L] e por sua vez me olhou [Eq]... o mais doce olhar deste mundo [Eq] [L]. E que fiz eu [L]? [Om] Confesso [Om] [L], envergonhado [L], que mergulhei gelidamente dentro de mim igual a um caracol [L], e a cada olhar ia-me tornando mais glacial [L] e mais longínquo [L]. Até que [L], afinal [L], a pobre inocente pôs-se [Mod] a duvidar de seus próprios sentidos [L] e, corrida a confusão ante a seu suposto engano [L], persuadiu a sua mãe a mudar de acampamento [L] [RP]. Graças a essa curiosa mudança de atitude [L] [Om] granjeei a reputação de premeditada crueldade [L]; quão pouco a merecia [L], só eu poderia julgar [L].

[Om] Ocupei uma cadeira num dos cantos do fogão [Eq] [L], oposto àquele [PP] para o qual meu senhorio avançava [L], e preenchi uma pausa de silêncio [L] tentando fazer festas à maternal cadela [L], que abandonara a ninhada [Tr] [L] e me farejava [PNP 2] as pernas como uma bola [L]. Arregaçava o beiço [Mod] e a boca [PNP 1] se lhe enchia d'água [L], no desejo [PNP 1] de me ferrar os dentes [Tr] brancos [RP]. Minha carícia provocou-lhe [Ext] um longo e gutural rosnado [L].

– É melhor que deixe a cachorra quieta [L] – grunhiu o Sr. Heathcliff em uníssono com ela [PNP 1] [L], detendo com um pontapé demonstrações mais ferozes [L]. – [Om] Não está acostumada a receber festas [Eq]... nem foi criada para cão de colo [Eq]. – Caminhando depois para uma porta lateral [L], [Om] tornou [Tr] a gritar [L]: – Joseph!

Das profundas da adega [L], Joseph resmungou indistintamente [L], mas não deu indícios de [L] que [Ext] subia [PP]; o patrão mergulhou [L], pois [L], em sua busca [Tr],

deixando-me *vis-à-vis* com a feroz cadela [L] e um casal de mal-encarados e peludos cães de pastor [L], que com ela partilhavam a ciosa guarda de todos os meus movimentos [L]. [Om] Fiquei imóvel [L], pois [Ext] não me agradava nada a ideia de [Eq] lhes entrar em contato com as presas [L]; mas [PP], crente de [Mod] que não entenderiam insultos mímicos [L], entreguei-me [L], infelizmente [L], ao prazer de piscar [L] e fazer caretas para o trio [L]; [PNP 2] algum trejeito que tomou [Tr] minha cara [Eq] [L] [PNP 2] irritou a [Ext] dama que [PNP 4], de repente [L], se enfureceu [L] e me saltou aos joelhos [L]. Atirei-me no chão [Eq] e corri a interpor a mesa entre nós [L]. Essa manobra atiçou a matilha [Eq] inteira [L]: meia dúzia de quadrúpedes adversários [L], de vários tamanhos e idades [L], deixaram [Mod] tocas ocultas [L] e saltaram para [PNP 1] a arena [Eq][L] . [Om] Senti [L] que os meus tacões e as abas da casaca eram [Ext] os principais objetos de assalto [L]: e valendo-me do atiçador [Tr], aparando como podia os botes [PNP 1] dos campeões [Mod] de maior vulto [L], vi-me constrangido a bradar por socorro a alguém da casa [L], para que fosse reestabelecida a paz [L].

O Sr. Heathcliff e o criado subiram a escada da adega com vexatória flegma [L]: [Om] não creio [L] que [Ext] andassem um segundo mais depressa que o usual [L], embora ao redor [PNP 1] da lareira lavrasse uma [PNP 2] tempestade de gritos [PNP 3] e ladridos [L]. Felizmente [PP], uma habitante da cozinha mostrou-se mais expedida [Tr] [L]: irrompeu entre nós uma rapariga forte [L], de saia arregaçada [L], braços nus [L], a cara vermelha de fogo [L], brandindo uma frigideira [L]; e tão bem [Eq] usou esta arma e a [Tr] língua resfolegante como o mar depois de um tufão [L] – quando o amo entrou em [Om] cena [L].

-Que diabo [Eq], com efeito [L]! – [Om] resmunguei [L]. – A vara de porcos possessos [L] do demônio [PNP 1] não seria pior do que seus cachorros [Eq] , Sr. Heathcliff [Tr]. O que fez comigo foi como [Eq] abandonar um estranho a uma matilha de tigres [L]!

- Os cães não atacam quem não mexe em nada [L] – observou o dono da casa [Tr] [L], pondo a garrafa diante de mim [L] e retificando a posição [Tr] da mesa [L]. – Afinal [PNP 1], [PNP 2] fazem bem em vigiar [Tr] [L]. Quer um copo de vinho [L]?

- Não [PP], obrigado [L].

- Não foi mordido [L], foi [L]?

- Se o tivesse sido [L], deixaria minha marca [L] no que me mordesse [Tr].

A feição de Heathcliff abrandou-se num sorriso [L]:

- Ora, ora [Eq], [PNP 2] o senhor está exaltado [L], Sr. Lockwood [L]. Vamos [Eq], tome um pouco de vinho [L]. São tão extraordinariamente raras as visitas nesta casa que [L],

de bom grado o confesso [Eq], nem eu nem meus cães as sabemos receber [L]. À [Ext] sua saúde [L]!

Curvei-me [L] e retribuí o brinde [Eq] [L]; começava a compreender que [L] seria loucura continuar zangado por causa da indelicadeza [Mod] dos [PNP 2] cães [L]. Ademais [PP], não queria [Mod] [PNP 2] que aquele camarada continuasse a divertir-se [Tr] à minha custa [L], pois evidentemente se divertia [Eq] [RP]. Ele [PP], lembrando-se [Tr] decerto [L] de que seria má política [Eq] ofender um bom inquilino [L], abrandou um pouco o seu lacônico estilo [L], que consistia em [PNP 1] engolir [Mod] os pronomes e os verbos auxiliares [L], e abordou um assunto [L] que [Om] supôs me interessasse [Tr] [L]: a discussão das vantagens e desvantagens do meu atual retiro [L]. Achei-o muito a par [Tr] das questões [L] que tratamos [L]; e [PP], antes de voltar para casa [L], animei-me [Mod] [PNP 1] a propor outra visita para o dia seguinte [L]. Era evidente que não agradava a Heathcliff [Mod] ver repetida [Tr] a minha intrusão [L]. Contudo [L], [Om] irei [L]. [Om] É espantoso como me sinto sociável quando [PNP 4] me comparo àquele homem [Tr] [L].

**Anexo 3 -** Primeiro capítulo da obra *Wuthering Heights* – edição bilíngue

**I**

**1801**

[Om] Acabo de retornar da [Tr] visita que fiz ao meu senhorio [L] – meu [Tr] único vizinho que talvez possa me importunar [L]. Certamente esta é uma bela região [L]! [Om] Creio que [Om] não poderia encontrar [L], em toda a [Ext] Inglaterra [L], um lugar onde estivesse tão distante [Mod] da agitação da cidade [L]. Um paraíso perfeito para um misantropo [Tr] [L]: e o [Ext] senhor Heathcliff e eu formamos a parceria ideal [L] para partilhar esse tipo de isolamento [L]. [Om] Ele é [PNP 1] um homem formidável [L]! Ele mal pode [PNP 1] imaginar como meu coração simpatizou-se com ele [L] quando contemplei seus olhos negros ocultados tão desconfiadamente sob as sobrancelhas [L] assim que surgi a cavalo [Eq], e quando seus dedos enterraram-se [Mod], com cuidadosa desconfiança [Mod], ainda mais fundo no bolso [Ext] do [Tr] colete assim que anunciei meu nome [L].

-Senhor Heathcliff [PP]? – eu disse [PP].

Um aceno de cabeça foi a resposta [L].

-Sou o [Ext] senhor Lockwood, seu novo inquilino [L], senhor [PP]. Dei-me a honra de [L] visitá-lo logo após minha chegada [L], a fim de manifestar a esperança de [L] não ter sido inoportuno [Tr] [Om] ao insistir [Tr] em ocupar [Tr] a Granja Thrushcross [L]. [Om] Ontem ouvi dizer que o senhor tem pensado [Tr] em [Ext] [L]...

- A Granja Thrushcross é propriedade [Tr] minha [L], senhor [PP] – ele interrompeu [PP], retraído [PP]. – [Om] [PNP 2] Não permito que ninguém venha a me importunar [L], se eu puder evitar [L]. [Om] Entre [Eq]!

O “entre” [Eq] (sic) foi dito com [L] um cerrar de dentes [Tr] e dava mais a impressão de ser um [Eq] “Vá para o inferno!”[Eq]: nem mesmo a porteira [L], na qual ele se apoiava [L] demonstrou sintonia [Mod] com as palavras [L]; e [Om] creio [L] que [Ext] foi [PNP 1] tal circunstância que me impeliu a aceitar o convite [L]: [Om] senti interesse pelo [Tr] homem [L] que demonstrava [Mod] ser ainda mais exageradamente reservado do que eu mesmo [L].

Ao ver meu cavalo [L] [PNP 2] avançando [Mod] tranquilo [Tr] para [Ext] a porteira [L], ele [PNP 2] tirou a mão do bolso [Ext] para tirar a corrente [Om] [L], e então [PP], taciturno [Tr], seguiu à frente no caminho [Om] [L] chamando [PP], ao entrarmos no pátio [L]: - Joseph, leve o cavalo do senhor Lockwood [L] e traga um pouco de vinho [L].

“[Om] Temos aqui toda a criadagem da casa [L], [Om] suponho [L]”, foi o que concluí [Mod] com a dupla ordem [L]. “Não me [Ext] admira a grama crescer entre as lajes do calçamento [PNP 1] [L], tendo apenas o gado [L] para cortá-la [Tr].”

Joseph era um homem de certa idade [L], mais que isso [Eq], era um homem idoso [L]: muito idoso talvez [L], ainda que robusto e vigoroso [L]. – Que [Ext] Deus nos ajude [L]! – ele murmurou em um tom de rabugento enfado [L] enquanto me liberava do cavalo e [L], enquanto isso [L], olhou-me [PNP 2] de modo tão irritado [L] que eu bondosamente imaginei [L] que [Ext] ele precisasse de ajuda divina para digerir o [Tr] jantar [L], e que [Ext] sua piedosa exclamação não tinha nenhuma relação com minha chegada inesperada [L].

Morro dos Ventos Uivantes é o nome da residência do senhor Heathcliff [L]. “Ventos Uivantes” [Exc] é um significativo [L] provincianismo [Tr] que refere-se [Tr] ao tumulto atmosférico [L] a que este lugar fica exposto [L] no período de tempestades [Eq]. Que [Ext] ar puro e revigorante eles devem ter lá em cima todo o tempo [L]; de fato [L], pode-se adivinhar a força do vento norte [L] soprando nas arestas [L], pela excessiva inclinação de uns poucos abetos plantados [PNP 1] na extremidade da casa [L]; e por uma fileira de lúgubres espinheiros [L], todos estirando os galhos na mesma direção [L], como se implorassem esmolas do sol [L]. Felizmente [PP], o arquiteto teve o cuidado [Mod] de construí-la robusta [L]: as janelas estreitas estão firmemente embutidas nas paredes [L], e os cantos são protegidos por grandes pedras salientes [L].

Antes de cruzar a soleira [L], [Om] parei para admirar uma série de grotescos entalhes abundantes por toda a fachada [L], [PNP 2] em particular perto da porta principal [L], sobre o qual [L], entre as ruínas de grifos esfacelados e garotinhos despudorados [L], [Om] descobri a data de [Ext] [L] – 1500 – e o nome [PP] – Hareton Earnshaw. Eu teria feito alguns comentários [L], e solicitado ao carrancudo proprietário um pequeno histórico do local [L], mas sua atitude à porta parecia exigir de mim [L] que [Ext] entrasse rapidamente [Tr] ou partisse de imediato [Tr], e eu não desejava agravar sua impaciência antes [L] de inspecionar o interior da casa [L].

Um passo [Mod] conduziu-nos [Mod] à sala de estar da família [L], sem nenhum corredor ou passagem intermediário [L]: eles a [PNP 2] denominam “a casa” predominantemente [L]. Inclui a [Ext] cozinha e a [Ext] sala de estar [L], em geral [L]; mas [Om] creio que no Morro dos Ventos Uivantes a cozinha foi obrigada a retirar-se completamente para outro aposento [L]: pelo menos identifiquei uma tagarelice sem fim e um estardalhaço [Eq] de utensílios culinários mais adentro [L], e [Om] não vi nem sinal de

assados, fervuras ou fornadas em torno do imenso [L] fogão a lenha [Eq], nem o brilho das caçarolas de cobre ou coadores de estanho nas paredes [L]. Em [Ext] um dos cantos [Eq] da sala [PNP 1], na verdade [L], a [Ext] luz e o [Ext] calor do fogo [Ext] refletiam-se [Mod] esplêndidos [Tr] em fileiras de pratos enormes de peltre [L], entremeados por jarros de prata e canecas [L], elevados [Tr] fileira após fileira [L], em um imenso aparador de carvalho [L], até [Om] o teto [L]. Este nunca recebera acabamento [Eq]: toda a [Ext] sua anatomia expunha-se a olhares observadores [L], exceto onde uma estrutura de madeira abarrotada de bolos de aveia e montes de pernis bovinos, carne de carneiro e presunto a ocultavam [L]. Acima do fogão a lenha [Mod] havia diversas armas antigas e torpes [L], e um par de pistolas de arção [L]. À guisa de ornamento [L], três caixas [PNP 2] de cores vivas [L], dispostas ao largo da prateleira [L] [RP]. O piso era de pedra branca e lisa [L]; as cadeiras [PP], de [Ext] espaldar alto e estrutura antiga [L], eram [Ext] pintadas de verde [L]; uma ou duas [L], de um [Ext] preto intenso [L], ocultavam-se nas sombras [L]. Em um arco sob o guarda-louça repousava uma imensa cadela perdigueira marrom [Eq] [L], cercada por uma ninhada de cãezinhos barulhentos [L]; e outros cães atocaiavam-se [Mod] em [Ext] outros nichos [L].

O aposento e a mobília nada teriam [Mod] de extraordinário se [L] pertencessem a um simples fazendeiro do norte [L], de semblante teimoso [L] e membros robustos evidenciados [Mod] por calças curtas e polainas [L]. Tal sorte de homens [Eq], sentados [PNP 2] em cadeiras [L], com a [Tr] caneca de cerveja escura espumando na mesa redonda à sua frente [L], podem ser vistos em qualquer paragem [Mod] a cinco ou seis milhas em meio a essas colinas [L], caso você chegue [Mod] na hora certa [L], após o [Ext] jantar [L]. Mas o senhor Heathcliff contrasta [Tr] de forma distinta com sua casa e seu estilo de vida [L]. Ele tem [Mod] a aparência de um cigano moreno [L], e as [Ext] vestes e os [Ext] modos de um [Ext] cavalheiro [L]; isto é [L], um cavalheiro como tantos homens do campo [L]: um pouco desmazelado [L], talvez [PP], ainda que não pareça despropositado com sua negligência [L], pois apresenta [Mod] uma figura ereta e elegante [L], e um tanto intratável [L]. É possível [Tr] que [Ext] algumas pessoas [PNP 2] suspeitem [Om] nele [Ext] [PNP 2] o orgulho de castas inferiores [L]; mas algo me diz [Eq] não se tratar disso [Eq]: eu reconheço [Mod], por instinto [L], seu ímpeto interior [Eq], que vai desde a aversão a demonstrar [Mod] sentimentos a manifestações de gentileza mútuas [L]. Ele amaria e odiaria [L] [PNP 2] em segredo [Eq], e tomaria [Om] como [PNP 2] impertinência ser amado ou odiado por seu turno [PNP 2] [L]. Não [PP], estou indo longe demais [Mod]: [Om] estou conferindo atributos [L] que são meus totalmente [Mod] a ele [L]. O [Ext] senhor Heathcliff deve possuir razões

de todo distintas [L] para se conter [Eq] ao encontrar um suposto conhecido [L], entre os quais eu me incluo [Eq]. Permito-me esperar [L] que [Ext] meu temperamento seja quase excêntrico [L]. Minha querida mãe costumava dizer [L] que [Ext] eu jamais teria um lar confortável [L], e [PNP 2] no [Ext] verão passado [Om] provei ser perfeitamente indigno de um [L].

Enquanto usufruía um mês de tempo bom à beira-mar [L], fui lançado à companhia de uma criatura das mais fascinantes [L]: uma verdadeira deusa aos meus olhos [L], enquanto não reparou [Tr] em mim [L]. – [Om] Nunca verbalizei o meu amor [L]. No entanto [PNP 4], se os olhos falam [Eq], o mais simples dos imbecis poderia ver [Mod] que [Ext] eu estava completamente apaixonado [Eq]. Ela reparou em mim [Mod], por fim [L], e retribuiu os olhares [Tr]... com os mais doce de todos os olhares [L] que se possa imaginar [Tr]. E o que foi que eu fiz [L]? [Om] Confesso [Om] [L], envergonhado [Tr]... retrai-me friamente [L], como um caracol [PP]; a cada olhar tornava-se mais frio e distante [L]; até que afinal a pobre inocente passou [Mod] a duvidar da [Ext+Tr] própria percepção [L], e [PP], decepcionada [PNP 3] e confusa [Tr] pelo suposto engano [L], persuadiu a [Tr] mãe a partir [L]. Devido a essa peculiar mudança de disposição [L], [Om] adquiri a reputação de ser um [Ext] desalmado convicto [Tr] [L]; quão imerecida [PP], somente eu posso avaliar [L].

Sentei-me [Tr] [Om] na extremidade da pedra da soleira [PNP 3] na direção [Tr] oposta a que vinha meu senhorio [L], e mantive-me em silêncio [L] no esforço de acariciar a mãe canina [L] que abandonara a cria [L] e movia-se sorrateiramente e voraz [Eq] para trás das minhas pernas [L], com os [Tr] lábios retorcidos [L], e com [Ext] os [Tr] caninos brancos [L] ávidos por atacar [Eq]. Minha carícia provocou um grunhido longo e gutural [L].

- É melhor [Eq] deixar a cadela em paz [Eq] – o senhor Heathcliff resmungou monocórdico [L], detendo [Mod] maiores demonstrações com um pontapé [L]. – Ela não está acostumada [L] a ser mimada [L]... não é um animal de estimação [Eq]. – Então [PP], avançando em passos largos por uma porta lateral [L], [Om] voltou [Tr] a gritar [L]: – Joseph!

Joseph resmungou algumas palavras [PNP 3] nas profundezas da adega [L], mas não deu a entender [Mod] que subiria [L]; assim [PP], o patrão foi ter com ele [Eq], deixando-me frente a frente com [Ext] a assustadora cadela e um par de cães pastores peludos e terríveis [L], que dividiam com ela cuidadosa [Mod] vigilância sobre todos os meus movimentos [L]. Não querendo sentir seus dentes [Eq], mantive-me quieto [Mod]; mas [PP], supondo que não pudessem compreender insultos silenciosos [L], [Om] infelizmente passei a [PNP 3] piscar [L] e a fazer caretas para o trio [L], e alguma dessas mudanças de minhas fisionomias irritou

de tal forma a madame que [L], de repente [L], ela avançou [Mod] furiosa [Tr] e pulou em meus joelhos [L]. Eu a empurrei [L], e apressei-me a pôr a mesa entre nós [L]. Tal conduta atiçou toda [L] a matilha [Eq]: meia dúzia de demônios de quatro patas [L], de diversos tamanhos e idade [L], imergiram de covis ocultos para o centro do cômodo [L]. [Om] Senti meus calcanhares e as bordas do paletó como alvos preferenciais para o ataque [L]; e mantendo afastados os maiores combatentes [L] o melhor que [Om] podia com o atiçador de lenha [L], vi-me forçado a solicitar [L], em voz alta [L] , a ajuda de alguém da casa para restabelecer a ordem [Mod] [L].

O senhor Heathcliff e seu empregado subiram os degraus da adega com uma calma desesperadora [L]: [Om] penso que não se moveram [Mod] um segundo mais rápido que o habitual [L], muito [PNP 1] embora a sala da lareira [PNP 3] estivesse sob um absoluto tumulto de ansiedades e latidos [L]. Felizmente [PP], alguém [Tr] da cozinha foi mais eficiente [Eq] [L]: uma senhora forte [L], de vestido arregaçado [L], braços nus e bochechas avermelhadas [L], avançou entre nós [L] brandindo uma frigideira [L]: e uso aquela arma [L], e a língua [L], com tanta propriedade que a confusão cedeu [L] como por encanto [Eq], e apenas ela permaneceu [L] ali [Ext], arfando como o mar depois de um vendaval [L], quando o seu patrão entrou em [Om] cena [L].

- Mas que diabos está acontecendo [Eq]? – perguntou ele [L], olhando-me de um modo [L] que mal pude tolerar [L], após esse tratamento ríspido [L].

- Que diabos [Eq], de fato [L]! – [Om] resmunguei [L]– Uma vara de porcos possuídos não poderia estar tomada por [Mod] espíritos piores do que os desses seus animais [L], senhor [PP]. Seria o mesmo que [Eq] abandonar um estranho com um bando de tigres [L]!

- Eles não atacam pessoas [L] que não tocam em nada [L] – ele observou [L], pondo a garrafa à minha frente [L] e recolocando a mesa em seu lugar [L]. – Os cães estão exatamente aí para vigiar [Eq]. Aceita um copo de vinho [Mod]?

- Não [PP], obrigado [L].

- Não foi mordido [L], foi [L]?

- Se [Om] tivesse sido [L], [Om] teria deixado minha marca no agressor [L].

A fisionomia de Heathcliff relaxou em um sorriso forçado [L].

- Ora, ora [Eq] – disse ele [L] – o senhor está agitado [L], senhor Lockwood [PP]. Vamos [Eq], tome um pouco de vinho [L]. Visitantes são tão extremamente raros nesta casa [L] que eu e meus cães [L], e isso reconheço [Eq], dificilmente sabemos como recebê-los [L]. À [Ext] sua saúde [L], senhor [L]!

Eu me [Ext] curvei e retribuí o brinde [L], começando a perceber [L] que [Om] seria tolice [Tr] continuar de mau humor [Eq] por causa do mau comportamento de um bando de cães vira-latas [L]; além disso [L], não desejava permitir que [Eq] o sujeito continuasse a se divertir à minha custa [L], pois era o que parecia fazer [Eq]. Ele [PP] – provavelmente demovido pela prudente consideração [L] de ser loucura ofender um bom locatário [L] – suavizou um pouco seu estilo lacônico e ríspido [PNP 1] [L], [Tr] sem pronomes ou verbos auxiliares [L], e abordou um assunto [Tr] que [Ext] [Om] supôs ser de meu interesse [L]: um discurso sobre as vantagens e desvantagens do [Tr] atual lugar de retiro [L]. Considerei-o muito perspicaz nos assuntos comentados [Tr] [L]; e [PP], antes de voltar para casa [L], senti-me encorajado a ponto de oferecer-me [Ext] voluntariamente [Tr] para [Ext] outra visita no dia seguinte [L]. Ele [PP], evidentemente [PP], não desejava uma segunda [Eq] intrusão [L]. [Om] Irei [L], de qualquer modo [L]. [Om] É surpreendente [L] como eu me considero sociável em comparação [Tr] a ele [L].